



LAR-OFICINA
ESPERANÇA E TRABALHO

FRÂNCISCO CANDIDO XAVIER
RUBENS GERMINHASI
ESPÍRITOS DIVERSOS

Editora Ideal

Sumário

Afeições Imortais - Emmanuel

Apresentação - Rubens S. Germinhasi

I - Família Cezar / 05

II - Família Carvalho / 13

III - Família Bonifácio / 18

IV - Família Caetano / 23

V - Família Fakaib / 30

VI - Família Dell'Erba / 38

VII - Família Pereira / 45

VIII - Família Sichetti / 51

IX - Família Stella / 60

X - Família Mangano / 66

XI - Família Chapela / 76

XII - Família Secchieri / 83

XIII - Família Minaya / 89

Afeições Imortais

Leitor amigo,

Aqueles que se amam verdadeiramente nunca se apartam uns dos outros.

Na vida comum, tanto quanto na vida além da morte, eles descobrem o caminho para o reencontro.

Este livro, amigo leitor, que te ofertamos por mensageiro de amparo e reconforto, é um testemunho dessas preciosas afeições imortais.

Emmanuel

Uberaba, 10 de abril de 1988

Apresentação

Lar-Oficina: Duas palavras apenas.

Imagem divina, casa de trabalho.

A homenagem de muitos corações representados neste volume, iluminados pelo espírito que se reconfortaram no reencontro com os familiares, polarizando a felicidade no amparo ao semelhante.

Planificam horas, movimentam mãos, concentram vibrações de amor e transformam a dor em esperanças que elevam aos Paramos Espirituais as lágrimas da vontade, exauridas no esforço dos corações de mães, pais, filhos, esposos, esposas e demais familiares.

Demonstram com firmeza, alegrias e segurança absoluta, que Deus está sobre os acontecimentos de nossas vidas, como bússolas, direcionando cada filho ao desempenho próprio no engrandecimento da criação Divina.

Este é o reconhecimento e agradecimento dos Editores a Dona Yolanda, Mãe benfeitora dos muitos corações que se refazem nesse cantinho abençoado de seu próprio lar.

Rubens S. Germinasi

I

Família Cezar

O jovem amigo Augusto Cezar Netto, já nas lides da Benfeitoria Espiritual, nos seus 26 anos de vida terrena e 19 anos de Vida Espiritual, em seu livro "Presença de luz"; psicografado por Chico Xavier e prefaciado pelo espírito de Emmanuel, em 26 de maio do ano cristão de 1984, editado pelo GEEM - Grupo Espírita Emmanuel S/C Editora, nos trouxe à luz do entendimento a página "Mensagens do Além".

Em sua plenitude, explica-nos para quem são as mensagens do Além.

Pedimos vênias para transcrever abaixo alguns dos seus parágrafos, medindo-nos a força do sentimento, ao depararmos com as situações em que se encontram os corações que Augusto Cezar dimensionou pelo vigor do seu amor aos carentes da felicidade familiar.

Sigamos na leitura, os escritos maravilhosos dessa alma nobre.

"Não sei se você conhece as mães atormentadas pela saudade dos filhos que a morte lhes arrebatou ao carinho, notadamente quando apenas começavam a viver.

Se já viu os pais amorosos tateando as cruces que marcam as derradeiras lembranças dos rebentos queridos que viajaram para o mais Além, através das fronteiras de cinza...

Se pensou, algum dia, no pranto das viúvas relegadas à solidão ante a partida compulsória dos companheiros transferidos para outros domínios da existência...

Se alguma vez refletiu na dor dos homens que apertaram as mãos desfalecentes de esposas inesquecíveis que eles, em vão, quiseram arrancar ao poder do silêncio que lhes cerrou os olhos para o mundo...

Se, em algum tempo, meditou, na angústia dos jovens que inutilmente procuram algum traço dos entes que amavam, muitas

vezes alimentando o desespero que lhes abre caminho para o suicídio...

Ou se já terá visto, em algum lugar, os portadores de enfermidades consideradas irreversíveis, que atravessam os dias, entre a inquietação e o desalento...

Se você tomou conhecimento de todos esses heróis das lágrimas, defrontados, quase sempre, por sofrimentos e humilhações, então você já consegue saber para quem são as mensagens de quantos residem no Mais Além..."

Esse é Augusto Cezar Netto que, em plena juventude, esportista que era, deixou este Planeta para completar-se em cultura ao lado dos Benfeitores Espirituais e trazer-nos a certeza de que a dor precisa ser respeitada com a nossa solidariedade e compreensão a essas almas, que a ceifa da Vida Física para os entes que muito amaram e amam, chegou ao fim.

Dona Yolanda Cezar, no caminhar da Doutrina, consegue com arrojo e desprendimento reunir ao seu objetivo cristão de servir, as famílias desorientadas e sem rumo, oferecendo-lhes o campo de ação no próprio lar e, aliando os seus desejos aos anseios de outras criaturas, configuram o LAR-OFICINA, em mais um Forte de benemerência aqui na Terra.

Augusto Cezar Netto, gratificado por essas ações caridosas, se faz sempre presente nesse Lar que outrora foi sua residência terrena, ora no encaminhamento espiritual dos que se foram, ora no estímulo a quem necessita da mão e da palavra amigas.

Essa união de forças cristãs, no reencontro de cada família ali representada, é o bálsamo da misericórdia de Deus.

Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação na leitura da mensagem espiritual.

- Pais: Raul Cezar, Yolanda Cezar.
Rua Marcos Lopes, 204 - São Paulo - SP.
- Irmãs: Marli Cezar de Almeida, Otilia Cezar Toscano, Zuleika Cezar Carvalho.
- Celso: Antonio Celso Mesquita Carvalho, cunhado, esposo de Zuleika, desencarnado em 11 de junho de 1983.
- Wanda: Wanda Biazaventi, prima por parte materna. Maurício Biazaventi, primo em 2º grau, filho de Wanda.



Mensagem de Augusto Cezar

Querida mãezinha Iolanda, inicio minhas notas com aquele beijo ruidoso de seu filho contente e reconhecido.

Estamos todos muito felizes com o que se realizou em lembrança dos meus dezoito anos de vida nova, após a liberação do corpo físico.

Estou sensibilizado ao reconhecer-lhe o carinho em cada minudencia deste encontro espiritual em que somos "deste lado da vida" os servidores muito gratos. Assim deveríamos recordar todas as mortes dentro da vida. Armar um dote de alegrias e bênçãos, ao invés de nos fixarmos no passado que já se foi.

Um dia, esperamos que os homens compreenderão a convivência de se erguer louvores a esperança, ao invés de nos desconsolar com jatos de lagrimas sobre as saudades daqueles que os antecedem na Vida Espiritual.

Estamos agradecidos pelo câmbio que o seu carinho de mãe inventou para o relacionamento com o seu filho.

Transformar tristezas em preces de alegria e converter a saudade em pães para benefício de nossas crianças são fases de prosperidade espiritual que nos incumbiremos de divulgar, emprestando à saudade

um sentido novo.

A vida é intercâmbio e não seremos felizes enquanto não houvermos criado motivações de alegria para todos.

Querida Mãezinha Yolanda, a sua saúde prossegue relativamente boa.

Tudo em ordem.

Não há necessidade de nos colocar à frente de olhos eletrônicos que nos devassem o aparelho orgânico, em que somos viajores da Terra. Incluo a mim mesmo, neste assunto, porque as suas pequenas contrariedades diante das exigências da Medicina são também minhas.

O nosso Lar-Oficina é uma farmácia prodigiosa. Os amigos agradecidos que nos visitam deixando-nos a alegria das crianças acolhidas por nossa instituição, funcionam para nós todos por medicamentos renovadores da alma e do corpo.

Trabalhemos esquecendo contratempos e exaustão da vida material, propriamente considerada, e observemos os resultados. A soma de nossas atividades é saúde mais saúde para você e equilíbrio aqui para seu filho.

Mãezinha Yolanda, agradeça por mim ao papai Raul quanto faz para ver-nos contentes e peço-lhe permanecer firme na fé em Deus e em nossas realizações.

Graças a Jesus, o Lar-Oficina prossegue tranqüilo, iniciando os serviços que nos habilitarão para atender aos nossos deveres com o novo ano em curso.

Estejamos certos de que não nos faltarão recursos para todos os itens de serviço que estamos alinhando com o máximo otimismo para o biênio 1986-1987. Na contabilidade de Jesus, a criatura realiza algum bem aos outros e o bem geral é revertido em nosso favor. Felizmente, a equipe é para nós uma família sempre disposta a servir.

Mãezinha, acompanhei com carinho e emoção a visita de nossa querida Marli em dias passados. Não fique triste se a querida irmã não conseguiu voltar em casa, logo após o diálogo entre ela e nós. Marli é

um coração abençoado pela bondade espontânea que lhe conhecemos e guardo a certeza de que a irmã querida, muito em breve, estará na Vila para um abraço sem reclamações, que não nos é lícito esperar. Aguardemos o tempo, porque até a Divina Providência espera o tempo apropriado à pacificação de nossos impulsos.

Dos seus filhos, que a sua bondade sempre considera "filhos queridos"; fui eu o único que não tive a felicidade de prosseguirem sua companhia e na companhia de meu pai Raul, mas a verdade é que um filho nas minhas atuais condições é muito mais vivo e mais atento aos nossos assuntos, do que se estivesse aí, não sei como.

Hoje estamos unidos numa campanha que me fortalece e me alimenta a alegria de viver.

Creia, porém, que se aí estivesse haveria de cercá-la de tanto carinho e de tanto amor que, às vezes, penso que voltei para a Vida Espiritual mais depressa, para conhecê-las e adorá-la com mais compreensão e enternecimento. A nossa Marli não é diferente. O coração de filha falará mais alto e em breve tê-la-emos felizes conosco.

Sobre o tratamento de nossa Otília, não tenho credenciais para opinar com segurança, no entanto, estou certo de que ela precisa prosseguir sob a assistência medicamentosa precisa.

A vida aqui neste meu Novo Mundo é inegavelmente maravilhosa, mas preciso de suas mãos para trabalhar na Vida Física, cumprindo deveres que ficaram atrasados. Por isso, peço em minhas preces habituais a conserve forte e resistente, superior a quaisquer contratempos do mundo de nossos relacionamentos com parentes e amigos. Não tenho outros braços, além dos seus para reerguer a minha felicidade que ficou, em parte, esquecida em outros tempos. Por isso, agradeço a Deus porque você, Mãezinha Yolanda, existe e sabe viver para o bem. Confiemos no amanhã melhor.

O nosso Celso envia muito carinho para a nossa querida Zuka e para os filhos queridos. E pode acreditar que segui as suas meditações em nossa cadeia de pensar e; se pudesse dar notas, lhe daria a nota dez

com muita distinção na assistência à nossa Zuleika, que ficou mais nossa depois que o Celso regressou à Espiritualidade. Velaremos por ela e trabalharemos para sabê-la tão contente quanto possível, fazendo de conta que desconhecemos qualquer manifestação de ciúme que venha a se interpor entre o nosso carinho para com ela e as observações indébitas dos outros, ainda que esses outros sejam nossos entes queridos. A vida reclama espírito de decisão e a nossa decisão em tomar, a nossa Zuka sob nossos cuidados é ponto pacífico, porque a irmãzinha viúva tudo faz por merecer de nós todos a maior consideração.

Não deixe a sua saúde vacilar em vista desse ou daquele desencontro em nossos encontros da vida familiar. Estamos cumprindo os nossos deveres com tranqüilidade e não precisamos incomodar a própria consciência para tratar de problemas que são as cascas de nossas alegrias no cotidiano.

A nossa Wanda está recebendo o nosso abraço. Ela ficou representando os nossos afetos ausentes nesta noite de paz, em nos referindo à família, porque os afetos do nosso querido Lar-Oficina estão aqui conosco, demonstrando que não estamos a sós. Muitos amigos vieram trazer saudações por nosso encontro de saudade, mas digo a todos que as felicitações pertencem a Dona Yolanda e não a mim.

Querida Mãezinha, não tenho um brinde para evidenciar quanto a amo, no entanto, mais uma vez, renovo a escritura de posse que há muito tempo já assinei declarando que o meu coração pertence a você. Deus a engrandeça em seu Infinito Amor. Não desejo terminar sem dizer à nossa Wanda que continuamos trabalhando por nosso Maurício.

Agradeço a todos os amigos e a todas as irmãs que me suportam esta longa mensagem, porque todos eles sabem que entre os filhos que amam as mães que Deus lhes concedeu, todo o carinho que exista na Terra é muito pouco para expressar a nossa ternura de filhos

reconhecidos.

Todas as afeições ausentes nesta hora, em nos referindo ao nosso Lar-Oficina, estão em meu profundo reconhecimento.

Um abração ao papai Raul e lembranças a granel para o canteiro de amor às irmãs e sobrinhos. Não faço lista de família para não botar banca de coruja no papel em que lhe escrevo o melhor de mim.

E receba, minha querida dona Yolanda, a alma toda de seu filho que lhe beija os cabelos com a alegria de afagar com respeitosa ternura a jovem mais linda e mais generosa que conheço.

Muito carinho nas saudades constantes do seu, sempre seu

Augusto

II

Família Carvalho

Fernando em excelente estado físico, sem indícios que pudessem projetar preocupações, de repente, com dores lombares, mais parecendo um esforço muscular, em 5 meses deixou o seu corpo com lesões no fígado provocadas por ramificações cancerígenas, constatadas pelo Dr. Paulo Piratininga Jatobá que o assistiu na oportunidade.

A família desesperou-se. E esse desespero foi amenizado por Fernando, dois anos e meio depois de sua partida ao Plano Espiritual, quando trouxe o conforto para os familiares, especialmente para a esposa e filhos.

Dona Arlete, ao observar na mensagem o nome LELETE, ficou muito emocionada e impressionada, ali estava a expressão de carinho com que Fernando se dirigia a ela na sua intimidade. Só ela sabia essa forma carinhosa, por isso, o valor da identidade do marido.

Ninguém pode dizer que Chico Xavier tivesse tido conhecimento dessa forma carinhosa tão íntima, a não ser pela sua tarefa a serviço dos Amigos Espirituais, considerando que a família não tivera tido qualquer instante de contato com o querido médium.

O Sr. Albino e a Sra. Isabelina, seus pais, estavam em viagem para Portugal, não se encontravam presentes no Brasil. Nos primeiros momentos de socorro, a esposa Arlete e as irmãs de Fernando, Donas Izilda e Rosalina, na ânsia de notícias, procuraram Chico Xavier, e logo que chegaram, o querido médium já lhes perguntava quem era Albertina que estava amparando Fernando e, também, quem era Albino.

Tomadas pela surpresa, sem saber o que falar ou fazer, por instantes, não conseguiram esboçar qualquer palavra. Retomando o equilíbrio, Dona Rosalina identificou a senhora como a sua avó materna,

desencarnada em 14 de fevereiro de 1962 e, no Albino, a certeza de ser o seu pai.

Uma vez mais foram surpreendidas. Albino a quem Chico se referia não era o seu pai; conforme a orientação do espírito, era um sobrinho também encarnado. Nutria forte carinho por essa criança que o prendeu pelos laços da simpatia e parentesco. Filho do seu irmão Décio.

Percebe-se aí a grandiosidade de Deus que é revelada através do exercício dessa mediunidade ímpar, em nosso planeta, pela honestidade e pela profunda disciplina dessa alma magnânima em sua tarefa mediúnica, demonstrando os desígnios de cada ser humano encarnado pela misericórdia do Excelso Pai.

Não se pode negar essas evidências que caracterizam o desenvolvimento da Doutrina Espírita no campo de ação de cada ser. É a comprovação de que a vida continua.

Pedimos escusas ao espírito de Fernando por pouco representá-lo nestas páginas, porque sua mensagem é a expressão que irá defini-lo junto dos seus familiares e ao leitor que perceberá nas suas palavras um histórico simples, mas de vital importância para Dona Arlete, Sr. Albino, Dona Isabelina, Izilda, Rosalina, Andréa, Wagner e Décio, constituintes de sua estimada família.

As expressões da família na restauração do equilíbrio, na solidificação da esperança e na paz que a mensagem lhes trouxe, fica aqui como um retrato a quem quer que esteja no quadro da dor, como estímulo à crença em Deus, porque o remédio chega nas doses certas para o alívio das dores do mundo.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem espiritual.

- Pais: Albino José de Carvalho, Isabelina Henriques Nogueira
Av. Fagundes Filho, 705 São Paulo - SP
 - Irmãos: Maria Izilda Nogueira Martins, Rosalina Carvalho Faria,
Décio de Carvalho.
 - Filhos: Wagner Navarro Carvalho, Andréa Navarro Carvalho.
 - Esposa: Arlete Marli Navarro de Carvalho (Lelete).
 - Avó: Albertina, materna, desencarnou em 14 de fevereiro de 1962.
- Fato que comoveu muito a família foi o tratamento de "Lelete" à esposa. Após essa mensagem sua esposa passou a ter mais fé no outro lado da vida.



Mensagem de Fernando José

Querida mãezinha Izabelina, e meu querido pai Albino, o tempo foi demasiadamente longo para mim nos dias de corpo doente, e por isso é com alegria que lhes venho dizer que estou melhor, a caminho de minha integral recuperação.

Essas notícias se destinam naturalmente a nossa querida Arlete e aos nossos queridos Wagner e Andréa.

Rendo graças a Deus pela assessoria de toda a família em meu apoio nos dias em que a moléstia se me fizera em mentora de paciência que eu nem sempre conseguia obedecer.

Agora um novo momento chegou para mim, e preciso dividir especialmente com os pais queridos e com a querida companheira as minhas esperanças e alegrias.

Rogo a Lelete, não se impressionar com, a minha suposta ausência.

Agora estou mais unido a ela e aos filhos abençoados que a divina providência nos confiou, e espero que venceremos todos os percalços do caminho com a nossa fé em Deus conjugada a nosso próprio

trabalho.

Agradeço com todo o meu carinho tudo aquilo que os meus pais do coração e os meus irmãos Décio, Zilda e Rosalina, fazem por nossa tranqüilidade.

Arlete e querida mãezinha Izabelina, as nuvens passaram e o que brilha a nossa frente é o céu azul enriquecido pelo ouro do sol de cada dia, convidando-nos à alegria da esperança e das tarefas que nos foram entregues pelos mensageiros do Senhor.

Que as nossas saudades recíprocas, se convertam em bênçãos de paz e trabalho, são meus votos.

Creiam que não existe alegria maior, depois da felicidade de nosso reencontro, do que o júbilo de sermos sãos depois do período de doença que nos abateu e nos influiu tanta tristeza nos dias que se foram, entretanto não saberíamos que essa tristeza daria lugar ao otimismo que hoje nos assinala muitas lembranças, a mamãe Izabelina.

A minha avó Albertina me assiste com o carinho de verdadeira mãe, e agradeço a Jesus por todas as bênçãos que tenho recebido.

Agora que entendi com mais clareza e esperança o valor da oração, repito com alegria: "Louvado seja Deus"; reunindo a todos os meus familiares queridos num abraço especial de imenso carinho e de imensa gratidão, sou o filho reconhecido, sempre mais reconhecido.

Fernando José de Carvalho

III

Família Bonifácio

Criança carinhosa, obediente e disciplinada, Fernando Augusto com 8 anos de idade cursava a 3.^a série do 1.^a grau no Colégio Santos Anjos, no Planalto Paulista e, por sua aplicação nos estudos escrevia e lia correntemente.

Manifestou desde cedo o desejo de ser médico, para tanto percorria o condomínio onde residia munido de uma maleta médica de brinquedo a consultar amigos e funcionários do edifício. Por isso, era carinhosamente tratado por "doutor".

O que chamava a atenção era que Fernando não demonstrava muito interesse por brinquedos, como qualquer criança demonstra, mas sua atenção, quase que obsessiva por palavras cruzadas e montagem de quebra cabeças, ocupavam-lhe as horas.

Conseguia montar peças com mais de 1.500 recortes. Notava-se, também, a grande curiosidade de saber sobre o Universo, perguntando muito sobre as coisas do mar e do céu.

Demonstrava religiosidade apurada. Desejava que as bombas de guerra pudessem se transformar em fogos de artifícios bem coloridos.

Em suas orações, com muita espontaneidade, agradecia a Jesus pela família, rogando sempre pela saúde dos familiares, como se soubesse, que a sua estava prestes a sucumbir, mesmo não aparentando qualquer sinal de deficiência física.

Em abril de 1984 começou a sentir fortes dores de cabeça, a princípio, diagnosticadas como enxaquecas e adenóide. Sendo medicado, as suas dores não passavam, obrigando-o a internar-se no hospital para exames mais profundos. Foi constatado tumor benigno na hipófise. Por um período de 40 dias, iniciou-se uma série de exames (tomografia, angiografia, planigrafia, etc) até a colocação de uma válvula no cérebro. De nada reclamava. Nesse período

começaram a manifestar-se distúrbios de visão e dificuldades para escrever, obrigando a cirurgia para a retirada do tumor. Onze horas e quarenta minutos foi o tempo para a extração completa desse tumor. Em recuperação na UTI, começou apresentar alterações em seu metabolismo, vindo a desencarnar na manhã de 2 de junho de 1984.

O desespero nos dominou. Queríamos conhecer Chico Xavier. Todos diziam que ele, com o olhar, tranquilizava as pessoas.

Em outubro de 1984 fomos convidados por um casal amigo a visitar Chico e conhecer os trabalhos no Grupo Espírita da Prece. Sabendo da dificuldade de uma entrevista, havíamos deliberado aguardar ocasião propícia. Não falamos com Chico. Essa amiga entregou a ele uma foto de Fernando Augusto dizendo tratar-se de uma mãe desesperada.

Chico colocou a foto no bolso e continuou a realizar o atendimento ao público. Ao término dos trabalhos, notamos Chico observando a foto de nosso filho. Não esperávamos nada. Não trocamos qualquer palavra. Isto tudo aconteceu na 6ª feira. Na madrugada do sábado, ouvimos o Chico pronunciar o nome de nosso filho.

Que alegria meu Deus!

Chico é uma jóia raríssima que precisa ser tratada com carinho. Jamais o mundo verá algo semelhante.

A mensagem mostrou com racionalidade as verdades do mundo em que vivemos.

O porquê da miséria, da riqueza, da doença, da saúde, enfim, o porquê dos disparates da vida das pessoas.

Entendemos, tudo está certo, tudo está marcado por Deus.

Estamos aprendendo a conviver com a dor na separação de um filho querido.

Onde quer que estejamos, eles estarão sempre nas expressões de carinho, coligando os corações que se sentem apertados pelas saudades.

Não se deve perder as esperanças, porque, hoje foram eles, amanhã, seremos nós, para o reencontro nos desígnios de Deus.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem espiritual.

- Pais: Carlos Veríssimo Bonifácio, Elisabeth Sartori Bonifácio.
Rua Tito Livio, 61 - São Paulo - SP

- Irmã: Juliana Veríssimo Bonifácio, na ocasião contava com 4 anos, eram muito ligados.

* Realmente, sua mãe se perguntava sempre:

"Será que não poderia meu filho, ter ficado mais tempo entre nós?
Por que isso foi acontecer?"

* Durante o período em que esteve aqui, suas dores de cabeça foram muito fortes, daí a citar, o menino, o estado enfermigo em que esteve.

* "Anseio de permanecer inutilmente no corpo", segundo os médicos, se viesse a sobreviver, Fernando Augusto ficaria cego e paralizado.



Mensagem de Fernando Augusto

Peço a Jesus nos proteja e nos abençoe.

Mãezinha, estes votos são extensivos ao papai Carlos, a nossa Juliana e a todos os nossos corações queridos.

Estou aqui presente em sua saudade, neste correio do coração.

Os dias parecem voar, apesar de nos parecermos com pássaros de asas presas ao visgo da saudade, mas creia que seu filho tem estado tanto quanto possível ao seu lado, procurando renovar-lhe as energias para o desempenho dos deveres a que fomos chamados.

Às vezes, ouço-a, em pensamento, a perguntar-me sem palavras, se não teria sido possível eu ter ficado mais tempo em sua companhia, mas a verdade, querida mãe, é que muitos de nós, os que voltamos aparentemente mais cedo à Vida Espiritual, temos o tempo marcado a relógio por aqueles que nos protegem e nos assistem da Vida Maior.

Em meu caso, era só uma estreita faixa de tempo que me cabia vencer, de modo a retomar a minha verdadeira personalidade. E se

muito me doeu o estado enfermigo em que estive por aí, ele foi o passaporte para a minha viagem de regresso mais cedo à Espiritualidade.

De começo sofri bastante com a saudade e com o anseio de permanecer inutilmente no corpo, no entanto, observei que a minha melhora espiritual jazia na conformação a que fui submetido para verificar que o meu corpo espiritual retomaria os meus caracteres de formação.

Hoje posso dizer-lhe que o meu crescimento em espírito, cresce vigorosamente em meu próprio benefício. E dou-lhe estas notícias não para exhibir um adiantamento que não tenho ainda, mas para expressar-lhes a verdade, que tenho estado a postos, aproveitando os ensinamentos de meus avós que são verdadeiros mestres de carinho e abnegação a meu favor.

Os pais queridos podem estar tranqüilos a meu respeito, pois reconheço que, usufruindo um corpo diferente, ou melhor, mais forte, venho alcançando oportunidades que uma estada sombria não me proporcionaria.

Trabalho de pensamento fixado nos dois, na certeza de que assim agindo, muito em breve conseguirei ser verdadeiramente útil a nossa Juliana e nossos queridos.

Louvado seja Deus!

Mãezinha querida, dizem aqui que as notícias curtas traduzem felizes informações e espero que esta minha carta de filho menino-moço consiga convencê-los de que estou bem.

Almejamos ansiosamente o dia em que poderemos comparecer uns à frente dos outros com a felicidade do dever cumprido.

Esperando haver trazido ao coração materno o contentamento de lhes oferecer as minhas melhores notícias, sou o filho que nunca os esquece, sempre reconhecidamente.

Fernando Augusto Veríssimo Bonifácio

IV

Família Caetano

Indagada sobre a vida de sua mãe, Dona Guiomar Caetano Scheneider, conta-nos o valor da mensagem psicografada por Chico Xavier e, mostra-nos a importância da atuação e presença desse espírito no seu meio familiar.

"Cega por erro médico, na insistência dos familiares e de alguns médicos em tornar a conhecimento público o acontecimento, defendia a integridade do jovem doutor, achando que o erro não seria justificado com a denúncia do engano praticado.

Rogou aos familiares e aos doutores o juramento de não revelarem o nome desse oftalmologista. Penalizada com a situação, aceitou o acontecido, como provação em sua vida.

Muito ativa, sempre alegre, característica peculiar em mamãe, não media esforços para socorrer quem lhe pedisse ajuda. Nas épocas críticas das estações climáticas, principalmente o inverno, recorria à caridade humana para obter cobertores e alimentos, para fazer sopas aos pobres e agasalhá-los.

Isto fazia com muito desprendimento e amor, às vezes ficava o dia todo ao telefone ligando a esses amigos. Aprendi muito com mamãe.

Ao mudar-se para Santos, um ano antes de sua desencarnação, em conversa, que me lembro bem, mamãe pedira que as flores e o dinheiro da missa quando ela partisse, fossem distribuídos e transformados em pão para os necessitados. Isto seria mais aceito por ela.

O seu sofrimento, 15 anos de cegueira e 10 anos de doença incurável, terminou quando, uma queda a levou para o outro mundo.

Por muita afinidade e por muito querê-la, meu sofrimento pela separação de mamãe, foi uma dor que nenhum alento preenchia o meu coração. Apesar de constituída minha família, meu esposo e meus

filhos, um vazio frustrava as minhas ações.

A dor tem suas vantagens, cria-nos a própria defesa. A lembrança de sua partida, trazia-me à mente a certeza de que mamãe nos exemplificava a fé, quando solicitava a mim e a papai, que fizéssemos as preces que Jesus nos deixara, dizendo: "Chegou a hora, vou partir, me ajudem, estou tão sem coragem. E começou a orar o Pai Nosso segurando minha mão, até brincou:

— "Você não está vendo quem está aqui?"

Como cousa que eu, neste instante, tivesse permissão de ver alguma coisa."

Partiu com certeza do amparo espiritual. Sua mensagem é prova disso. Ela descreve tão bem esse apoio por minha avó Inácia, carregando e consolando-a que me parece ver tudo como um quadro de consolo eterno.

Sua mensagem foi muito bem aceita em instituições de cegos, inclusive, evitando dois suicídios de outros deficientes da visão.

Muito teríamos para contar, porque, a saudade é uma lembrança viva e constante em nossos espíritos. Nas horas que a relembro, sua carta é o bálsamo que me tranqüiliza, trazendo-me a paz necessária.

Não só isso vou repetidas vezes a Uberaba, em visita a Chico Xavier, aprender mais sobre a vida e a Doutrina Espírita. Esse homem que lá está, que emociona tanta gente, não pode deixar de ser venerado em nossos corações, como a luz que ilumina os palcos da vida, para os atores que somos nós, a encenar a peça que cada um precisa representar nesta obra, em que o Autor Deus, nos faculta para a Glória dos Anjos.

Deus abençoe Chico Xavier. Deus o guarde em sua pureza."

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem espiritual.

- Esposo: João de Deus Caetano.
 - Filha: Guiomar Caetano Scheneider - Rua José Maria Lisboa, 155 São Paulo - SP
 - Mãe: Inácia Rodrigues Pedra, desencarnada em 17.08.1937.
 - Netos: Maria Angélica Scheneider, a citação "Diga por mim, à minha querida neta Maria Angélica que não temos mais o telefone para o entendimento de canto a canto"... confirma, pois, elas conversavam telefonicamente, diariamente, entre São Paulo e Santos.
- Ruy Affonso Scheneider, nesse meio tempo, casou-se, por isso ela diz "... até que pude rever o Ruy e todos os nossos..."



Mensagem de Carolina Caetano

Querida Guiomar, filha querida!

Eu não sabia!

Eu não sabia que toda a vida que nos cerca é um poema de luz.

Tanto tempo na sombra me condicionou a visão para me fixar na penumbra. Mas naquele dia de nosso adeus provisório, o nevoeiro me fazia temer!

Receava partir, exilar-me do ambiente doméstico, distanciar-me dos entes amados!

E perguntava a mim mesma:

Não seria mais vantajosa para mim a continuidade da cegueira, conversando com as mãos que aprenderam a falar, através das sutilezas do tato?

A liberação do corpo físico é um grande momento!

A lucidez me presidia os pensamentos e, como se me visse favorecida por um prodígio com o qual não contava, através de temer claridade interior, via os nossos familiares a me aguardarem felizes!

Orei pedindo a Deus a bênção da coragem e vi-me desatada do corpo que me prendia.

A minha mãe Inácia me beijava e me pediu ver a luz da casa!...

O cativoiro terminara, o cativoiro das sombras e então consegui anotar o esplendor que se irradiava de todos os objetos. Horas passaram e via a luz dominando a Terra!

O sol me pareceu um lampadário de Deus fulgurando no Espaço infinito e contemplando a Terra, movimentei-me extasiada e observei que a luz de Deus inundava todas as forças da Natureza!

As flores se me figuravam focos iluminados destilando bendita claridade em torno do solo que os sustentava e descobri ou redescobri a luz no ar que respirava, nos blocos residenciais que surgiam diante de mim, ao modo de monumentos radiantes, nos quais a existência de milhares de pessoas resplandecia, sem que as criaturas humanas, em pleno mar de luzes ignorassem quanto ignorei por tanto tempo, que a irradiação do Céu, a repartir-se em cores variadas, nos servia de alimento!

Embriagada, avancei alguns passos, fora de nosso mundo particular e encontrei a luz nos olhos das crianças e das mães que me cruzavam o caminho!

Deus de bondade, como vivera durante tantos janeiros numa nave repleta de vibrações luminosas e não soubera até então.

Minha mãe Inácia, que me tutelava os passos, me abraçou e aconchegou-me ao colo qual se eu houvesse voltado a ser criança e me pediu pensar em repouso. Bastou isso e dormi tranqüilamente, na suposição de que voltaria para perto do João e dos meus filhos!...

No entanto, dias transcorreram uns sobre os outros, até que, em certa manhã, despertei para novo deslumbramento. Dessa vez, o fulgor solar não me assegurava à alegria plena, porque entendi no olhar de minha mãe que já não me encontrava na mesma casa a que me habituara ao prazer do tato correspondido. Vastas extensões de Espaços nos cercavam, vestidas de luz sublime, no entanto, a saudade se me

instalou no peito arrancando-me as lágrimas que se me faziam companheiras. Queria o João, queria você, esperava o Rui, buscava a nossa Maria Angélica com todas as minhas forças, qual se pudesse ilaquear a realidade mas, pela primeira vez, os clarões da vida me pareceram vazios. Achava-me sem os laços de amor a que me apegara e chorei intensamente. Minha mãe se incumbiu de reconfortar-me, falando-me da grandeza de Deus que não permite a separação definitiva entre os que se amam. Rogou-me calma e paciência em meu próprio benefício e alterada pela visão de luz que emana do Alto, sentia-me enlouquecer entre o júbilo e a tristeza, entre a esperança e a desolação. Creio que para mãe alguma a desencarnação, mesmo feliz, terá sido fácil.

Reconhecia-me na posição da árvore cortada por foice invisível, e transportada para longe dos que eram mais meus, demorei-me no desajuste. Foram precisos muitos dias de meditação para harmonizar-me com a verdade e tão logo se me asserenou o ânimo, pude voltar à nossa família. Abracei o esposo algo abatido, ansiando ser para ele os ombros em que se escorasse e envolvi-lhe o coração com o meu pranto de saudade e de esperança, a dizer-lhe palavras de amor para as quais não havia repercussão em seus ouvidos e depois, fui até você, enlaçando-a com o Renê e com a nossa querida Angélica em meu carinho...

E a peregrinação de ternura, prosseguia, até que pude rever o Ruy e todos os nossos, solicitar-lhes confiança em Deus!

Querida Guiomar estas foram as primeiras impressões de sua mãe para lá do mais Além, onde outra vida se desdobra, devolvendo-nos os resultados de nossas obras e, desse modo, continuo na expectativa de voltar sempre ao nosso ambiente familiar a que me sinto presa pelos liames do sentimento.

Desejo ao João e a vocês todos, uma longa vida, coroada de êxitos em todos os passos e espero que um dia virá no transcurso dos outros dias, em que nos reencontraremos todos para o continuísmo de nosso

amor.

À medida que se me desenvolve a compreensão, noto que devo desejar-lhes uma vida tão longa, quanto possível, porque aos poucos vá assimilando as lições da Terra, aprendendo que, enquanto em seu clima, precisamos viver e aproveitar a existência, tão longamente quanto possível. Viver, sim! Viver com otimismo e confiança para que a nossa existência seja cumprida em todos os tópicos do dever que nos foi assinalado pela Divina Providência. Ainda assim, conhecendo toda a extensão de nossas responsabilidades aprendo, sem pressa, o tempo de nosso reencontro feliz. Filha, muito grata por todo o seu amor que nunca me faltou nos instantes certos. Diga por mim, à minha querida neta Maria Angélica que não temos mais o telefone para o entendimento de canto a canto do Céu e que, conquanto isso, dialogamos pelo pensamento e me felicita observar que a nossa querida Angélica sabe facear os problemas da vida com calma e coragem reanimando-me as forças.

Não posso escrever mais porque o mergulhar nas lembranças, de certo modo me inibe a faculdade de escrever como se o fizesse a filhos do coração dos quais não desejaria me afastar. A mãe Inácia me acompanha e deixa-lhe um abraço de alma para alma. Ao nosso querido João, você levará minhas notícias, marcadas por sorrisos e lágrimas que ainda me prendem para o contentamento de vê-lo feliz. A todos vocês e em especial à minha querida neta Maria Angélica, o beijo que aprendi a traçar em seu rosto, ponto a ponto, das mãos que não viam e agora vêm. Querida Guiomar, isso é tudo que eu poderia dizer nesta noite de paz e alegria, oferecendo a você o velho e sempre jovem coração de mamãe.

Carolina Caetano

V

Família Fakaib

Dona Elenice é quem nos conta.

Aproximei-me do Espiritismo ainda criança, por volta dos 12 anos. Residíamos em Pinhal, cidade do interior paulista.

No colégio em que eu estudava fiz amizade com uma garota, Flávia Gaetta e, através dessa amizade, nossas famílias também estreitaram os laços.

D. Helena Gaetta, tia dessa companheira, trazia o dom da mediunidade. Participava de reuniões espíritas kardecistas, que me fascinavam. Com isso passei a freqüentar algumas reuniões, das quais fui adquirindo algum conhecimento da Doutrina.

Sempre tive verdadeira adoração por tudo o que se relacionasse com Chico Xavier.

Quando havia oportunidade de vê-lo ou ouvi-lo, lá estava eu me acomodando frente às televisões ou reuniões onde sua presença era marcada.

Com a desencarnação de Ivan, motivada por um aneurisma cerebral fulminante, quando se preparava para sair, na mesma semana manifestei o desejo de procurar o Chico e, acertando com o meu marido um jeito para nossa viagem, rumamos para Uberaba.

Através de uma cunhada chegamos a ele pela primeira vez.

Pensávamos ser fácil o nosso contato, mas quão difícil foi.

O número de pessoas era imenso. Mas, com a ajuda de Deus, conseguimos. Recebemos a comunicação do Ivan antes de completar-se dois meses de sua partida.

Foi uma bênção, uma alegria.

Uma força começou a nos impulsionar para a vida. A confirmação da verdade da vida após a morte do corpo.

Para meu marido, que descreia de tudo, foi o bálsamo que oxigenou o

ar de sua vida e continuou a viver, pois a desolação em seu coração inquietava-me.

O tempo se projetou no tempo e viemos a conhecer Dona Yolanda Cezar que nos amparou em nossa dor. Com paciência, amor e a sua experiência adquirida também pela dor, abriu-nos um campo de trabalho para preenchermos na caridade cristã.

Hoje estamos vivendo com a resignação e a certeza de que eles estão lá esperando, de cada família enlutada pela dor, compreensão de que a misericórdia de Deus não falha. Que estão mais vivos e atuantes do que nunca, apenas aguardando a nossa aceitação ante o irremediável, que os vejamos como eles são agora, espíritos que continuam no seio de cada família, ajudando a desvencilhar-nos dos problemas da Terra.

Que as lamentações não criem espaços em nossas vidas, que o otimismo se faça presente e a esperança seja o sinônimo crescente de nossa fé em Deus.

Esta certeza que agora trazemos, faz-nos ver a lisura e a autenticidade desta mensagem do Ivan como prova irrefutável, pois sequer tínhamos falado com Chico Xavier. Faço questão de, com vênua da Editora, publicar a foto do túmulo do Cel. Teotônio Negrão. Este senhor, quando citado na mensagem, causou-nos estranheza. Não o conhecíamos.

Em outras viagens Chico sempre nos solicitava notícias, se havíamos descoberto quem era e nós não sabíamos de nada até que, na tarde do dia de Finados daquele mesmo ano de 1986, em seu crepúsculo, parentes vários, em diversas visitas ao Cemitério, descobriram em Bariri, numa área de túmulos abandonados, o do citado Coronel Teotônio Negrão."



Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem espiritual.

- Pais: Abrahão Fakaib, Elenice Antonelli Fakaib
Rua Maquerobi, 106 - São Paulo - SP
- Irmãos: Márcio e Fábio Antonelli Fakaib
- Vô Abraão: Bisavô paterno e desencarnado em 1916, na Síria.
- Tia Yolanda: Tia de Dona Elenice, falecida aos 49 anos, no dia 05.02. 1978, em Mongaguá, na Praia Grande - SP Esta tia, segundo nosso Chico, esteve ao lado de Dona Elenice, meses antes da desencarnação do Ivan, preparando-a para a partida do filho.
- Vó Miquelina: Avó paterna está encarnada com 89 anos.
- Mãe Maria: Esta senhora criou todos os oito filhos de Dona Miquelina, avó do Ivan. O pai do Ivan tinha muito carinho por ela. Seu nome Maria José Alves Berti. Desencarnada em 13.08.1976.
- Vicente Alto: O Vicente é filho adotivo da Maria. Ele é sobrinho, ficou órfão ao nascer. Maria criou-o com muito amor. Conhecido como Vicentão devido a sua estatura.
- Luiz: Marido de Maria José Alves Berti, encarnado.
- Cel. Teotônio negrão: Nascido em 1855 e desencarnado em 1905.

Pessoa citada e desconhecida dos pais de Ivan. Com a chegada de familiares de Bauru, e aproveitando o dia de Finados, depois de várias visitas ao Cemitério, no final da tarde, ao fazerem preces junto aos túmulos aparentemente abandonados, descobrem o desse Coronel.



Mensagem de Ivan

Querida mãezinha Elenice ou querida mamãe Nice, estou contente ao vê-la com o Papai Abrahão e me alegro ao pedir-lhes para que me abençoem.

Devo satisfazer aos nossos desejos mútuos, no sentido de esclarecer o que me ocorreu na liberação do corpo físico. Isso pode servir, diz-nos a querida tia Yolanda, para auxiliar a outras mães e pais que perderam a convivência de filhos queridos, de maneira inesperada.

Realmente, não experimentara antes qualquer mal-estar.

Tudo certo comigo.

Havia até mesmo prometido ao pai retomar o caminho de volta a ele para colaborar, de algum modo, no trabalho habitual. Passei ao

banheiro para a revisão da roupa, quando me senti subitamente sem forças. Não consegui movimentar-me, nem falar.

Algo se desarticulava por dentro de mim, sufocando-me o pensamento. E caí, sem meios de me proteger contra qualquer obstáculo e um escuro se me fez na cabeça.

Mais nada.

O que aconteceu nos momentos que se seguiram somente depois me foi mostrado pelo vovô e por outros amigos. Ainda não sei quantos dias estive naquela ausência de mim próprio.

Sono, apenas sono absoluto.

Creio que me aplicaram alimentos enquanto me achava naquela inconsciência difícil de descrever.

Voltei a mim mesmo, devagar.

Primeiramente, pareceu-me sonhar num entendimento tarjado de neblina grossa. Observava que mãos amigas me socorriam, com massagens e até mesmo com injeções de substância curativa e nutriente.

Até que despertei.

As perguntas eram minhas.

Os petítórios foram meus.

Não me admitia morto.

A vida estava comigo, com o mesmo calor de sempre.

O raciocínio funcionava na base do discernimento.

Foi o vovô Abrahão quem me elucidou, pouco a pouco.

Ao reconhecer-me em outra vida ou na continuação da existência que tivera, era natural me afligisse pelos pais queridos.

Aquela alma caridosa e bendita a quem chamamos por Mãe Maria me conduziu ao nosso recanto doméstico e chorei com as lágrimas da Mamãe e com a tristeza molhada de pranto que via em meu pai.

Foram instantes difíceis para mim.

Tudo sucedera muito de imprevisto e lamentava, de minha parte, tudo houvesse acontecido assim. Abracei os irmãos queridos, Marcio

e Fábio, com aquela ânsia de ficar, pois ainda não havia aprendido que a libertação do corpo físico me ofereceria novas oportunidades de trabalho. Estejam certos, porém, os pais queridos que, a breve tempo, me transformei, no alicerce de uma compreensão melhor. Os nossos familiares me esclareceram que atravessara a iminência de uma parada cardíaca, sem possibilidade de retorno à normalidade orgânica.

Efetuada a ruptura de certos vasos, viriam as complicações circulatórias.

O músculo cardíaco, assediado de problemas, faria pausa em seu trabalho e, então, seria uma longa série de provações para nós todos, das quais a Bondade de Jesus, por seus Mensageiros nos livrou a tempo.

Tudo se processou do melhor modo para nós todos, porque, especialmente para mim, seria muito amarga a imobilidade no leito por meses e meses.

A nossa Mãe Maria me auxiliou de maneira eficiente nessa quadra inicial de minha readaptação à Vida Espiritual. Comecei a trabalhar acompanhando-a quando possível, em suas tarefas de socorro.

Desejei viajar até Bariri e, por lá, pude exercitar a prece no Lar Vicentino, o antigo Lar, reconfortando irmãos sofredores, e conheci muitos amigos desencarnados e um benfeitor dedicado ao bem dos semelhantes, conhecido no Mundo Espiritual pelo nome de Teotônio Negrão que me disseram ser pessoa de muita dedicação à nossa família.

Eu vou deslanchando em serviço, para em futuro breve, retomar meus estudos a fim de ser mais útil.

Querido Papai, vi com a nossa irmã e benfeitora algumas crises de sofrimento no filho dela, o Vicente Alto, e notei como chora o pai Luiz, com a incapacidade de suprimir-lhe a dura prova.

Compreendi melhor o bem que recebêramos sem avaliar a extensão das bênçãos que nos visitaram e, por isso, venho pedir-lhes para que a nossa saudade não se agrave com alguma queixa inoportuna,

porquanto, em verdade, somente vista e analisada do ponto em que presentemente me vejo, é que a vida deixa de ser o lado avesso da Criação Divina.

Ali no mundo estamos na condição de alunos internados num grande educandário.

O corpo é o uniforme, essencialmente, igual para todos, com os estragos ou com os processos de conservação que nós mesmos fizemos, com o título de usuários desse benefício.

Tudo emprestado a tempo justo.

E, em meu caso, querida Mamãe, deveria seu filho tudo restituir nos primeiros tempos do estágio transitório.

Creio estar explicando, com minudências, quanto me sucede para tranqüilidade dos meus.

Peço ao querido Pai alimentar-se, encorajar-se e reviver.

A morte não existe.

Tanto não existe que ninguém à frente de uma pessoa querida que parte, admite haja adeus para sempre.

Auxiliem-me, renovando a própria alegria.

Não só meus irmãos precisam disso, quanto eu mesmo.

E, com esse entendimento novo, seguiremos nós para uma vida renovada.

Confiemos em Deus.

A nossa querida Mãe Maria, junto de nós, avisa que vem efetuando o possível no auxílio à Vó Miquelina, agora mais doente e menos segura.

Querida mamãe Elenice, sei que o seu coração e o coração do papai estão aptos a me compreender com mais clareza.

Não me suponham ausente.

Estamos agora mais juntos, embora não pareça.

Um abraço aos irmãos queridos e para os dois um beijão do filho que, apesar das muitas saudades, vive pleno de esperança, porque me sinto agora integrado na fé viva em Deus e na Vida Imperecível.

Recebam o carinho imenso e a gratidão do filho que lhes pertence pelo coração.

Ivan
Ivan Antonelli Fakaib

VI

Família Dell'Erba

Sidney, ao retornar de carro com sua namorada Roberta Fanti da casa do Comandante José Maria Whitaker, na via Expressa da Marginal do Rio Pinheiros, sob o Viaduto Euzébio Matoso, veio a colidir com uma carreta que, aparentemente, encontrava dificuldades para ultrapassar o viaduto, em virtude de sua alta carga. Faleceu no local. Sua noiva, mesmo socorrida, veio a falecer.

Cursou a Escola O Mundo das Crianças, Colégio Rio Branco e Colégio Campos Salles. Formou-se piloto comercial e instrutor de pilotagem elementar no Aero Clube de São Paulo. Aos 17 anos completou seus estudos de aviação na EVAER (Varig) Rio Grande do Sul. Aos 18, começou a trabalhar como instrutor de pilotagem no Aero Clube de São Paulo e, aos 20, ingressou como Co-piloto do 727, na Transbrasil.

A admiração que sentimos pela obra incessante e incansável do querido Chico sempre foi muito forte, seu trabalho tem sido um bom exemplo de abnegação, dedicação, amor e fraternidade.

O mundo seria muito melhor se pudéssemos ser um milésimo do que ele é. Não há palavras suficientes para descrevê-lo.

Sempre desejei conhecê-lo, mas nunca houve um motivo bastante forte que me impelisse a ir até ele. Mas a partir do momento do acontecido, uma determinação muito grande se apossou de mim, havia mesmo uma necessidade de vê-lo, de ter notícias para o nosso reconforto e lutei prontamente para que o fato se realizasse.

Embora há algum tempo estudasse a Doutrina Espírita e a praticasse, meu marido não tinha fé e achava que tudo estava acabado com a morte. Ele acreditava apenas no "aqui" e "agora". Mas depois do falecimento do nosso querido filho, ele recebeu muita ajuda espiritual, muitos amigos queridos começaram a conversar com ele e

ajudá-lo, principalmente Mario Pisanequi e Sra. que muito conforto lhe trouxeram, mas, apesar da enorme vontade de aprender e crer, eu notava, bem no seu íntimo, ele ainda relutava com alguma coisa que o incomodava.

Ele dizia: Eu realmente vou crer profundamente quando alguém me chamar como ele me chamava.

E, assim, o tempo ia passando.

Quando finalmente fomos ao Chico, recebemos a mensagem.

A emoção foi imensa, impossível conhecer o Chico e não tentar ser ainda melhor do que se é. Eu me senti tão abençoada por Deus e ali mesmo agradei infinitamente a misericórdia com que Ele havia me abençoado. Desde a perda do meu querido filho, sentia uma dor constante no coração. Já havia até me habituado a conviver com ela, mas bastou tocar em suas mãos para que esta dor se esvaísse e nunca mais retornasse.

Chico leu a mensagem sempre nos citando como papai e mamãe. Qual não foi nossa surpresa quando, relendo a mensagem no Hotel, notamos num determinado trecho, que ele dizia "Pá", e tal e qual costumeiramente se referia ao pai.

Foi o reencontrar do nosso filho.

Hoje, meu marido se conscientizou. A fé existe em todos, basta apenas um empurrão para que ela nasça e floresça, tornando nossa jornada mais proveitosa.

Para nós foi uma dádiva preciosa de Deus, pela fé, confiança, coragem e a certeza de que o nosso querido filho havia aceitado o ocorrido e estava bem. Gostaríamos que todos que sofreram uma dolorosa perda, tivessem a graça infinita que nos foi concedida.

A mensagem muda em muito a nossa maneira de pensar, refletimos longamente sobre a maneira de viver. Devemos aproveitar ao máximo a nossa vivência em família, dar a maior importância e valor aos pequeninos no dia-a-dia e agradecer sempre por estarmos juntos, não após perdê-los para reconhecer quanto eles eram importantes.

Palavras sentidas, honestas, de um coração que emergiu da intranqüilidade para a aceitação dos desígnios de Deus.

Um pai, uma mãe, uma família que carrega o fardo dos seus compromissos em resgate.

Em agradecimento, transcrevemos uma dedicatória de Dona Nadia que registra as vibrações do seu coração para seu filho, como se estivesse representando os corações de todas as mães e familiares que se encontram na mesma situação de amor e saudade.

Você partiu - Você partiu

Sem um lamento - E levou um pedaço de minha alma

Sem uma palavra - Um pedaço do meu coração

Sem um sorriso - Um pedaço da minha ilusão

Sem uma lágrima - Um pedaço da minha vida

Sem um abraço - Um pedaço de mim mesma

Sem um beijo

Sem um adeus

E eu chorei

Chorei pela sua vida

Você partiu - Chorei pela sua falta

Após tantos anos - Chorei pelos seus sonhos

Após tantas alegrias - Chorei por tantas saudades

Após tantas vitórias - E de tanto chorar por ti

Após tanto amor - Chorei por mim mesma

Após tanto carinho

De sua mãe

Nádia

Você partiu

E deixou tantas perguntas

Tantos anseios

Tantas incertezas

Tantos desencontros

Tantas saudades

Tanto vazio

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem espiritual.

Pais: Benedicto Antonio Dell'Erba, Nádia Breim Dell'Erba
Rua Duarte da Costa, 178 - São Paulo - SP

- Irmãos: Cláudio Breim Dell'Erba, Lara Breim Dell'Erba

- Avó Maria Fackri: Bisavó por parte de mãe faleceu em 31.03.1985. Ela se chamava Maria Elias, gostava muito de ser chamada pelo nome de solteira Maria Fackri. Uma prova evidente para os familiares. Chico desconhecia esse nome.

- Noiva: Roberta Fanti, desencarnou juntamente com Sidney. Faleceu em 16.12.1986.

- Tios: Miguel Dell'Erba (tio avô) faleceu em 22.05.1984, Felipe Farhat (tio bisavô) faleceu em 11.09.1974, Salomão Antonio (tio bisavô) faleceu em 31.09.1961.



Mensagem de Sidney

Querida Mãezinha Nádia, tudo passou como num pesadelo.

Por muitas semanas tive na memória a visão daquele caminhão de alta formação mantendo os faróis apagados e procurando recursos para vencer o embaraço em que caiu.

O impacto de máquina sobre máquina me estragou todo o corpo, de vez que fiz força para salvar em vão a querida noiva ao meu lado.

O que se passou comigo naqueles momentos, não saberia descrever e não tenho motivos para emitir qualquer culpa sobre o motorista que parara o veículo para medir a altura que parecia superior à capacidade de varar o tropeço para seguir adiante.

Senti que braços fortes me retiravam para fora das engrenagens e traziam para fora a querida companheira ali na marginal de Pinheiros, mas a minha cabeça começou a divagar sem o próprio controle. Queria falar, mas não conseguia.

Sei que me levaram para um hospital onde sofri as aflitivas dificuldades dos doentes graves.

Sentia as agulhas e os tubos de soro que pretendiam carrear os medicamentos que me aliviassem, mas tudo em vão.

Pensamos muitas vezes que encontraria possivelmente a desencarnação num desastre aéreo, tamanha era minha paixão pelo destino dos pilotos do ar e via-me ali inerte, aguardando o benefício da morte na Terra mesmo.

Os meus sofrimentos chegaram ao ápice, quando vi a senhora que me estendia os braços acompanhados de outros amigos. Ela me falou de maneira perfeitamente audível para mim, para relaxar o corpo atormentado quanto pudesse, porque chegara o momento de me desligar do veículo já imprestável e, francamente, procurei relaxar-me e ela, num abraço de mãe, me retirou, aconselhando-me dormir.

Caí num torpor muito grande e só depois de alguns dias vim a saber que a nossa Fanti, a querida noiva, estava ali mesmo desencarnada, em tratamento de recuperação.

Mãezinha Nádia, creio que me habituara a ser forte para enfrentar qualquer emergência no ar, entretanto, ali chorei à maneira de criança ferida, pois reconheci para logo que a permanência na vida cessara para mim.

A saudade de sua presença me pesou no coração e quis voltar a ser de novo criança em seus braços e chorei pelo papai Antonio que tanto desejava ver-me formado para a Aeronáutica.

Chorei com a falta dos irmãos que me eram afeiçoados; a minha querida avó Maria Fackri, tal qual ela desejava ser chamada, custou a reconfortar-me com o auxílio de nossos parentes que me acompanhavam com bondade e atenção.

Agora, porém, já fiz os meus votos de aceitação e somente desejo refazer meu corpo espiritual para ser-lhes útil.

Peço-lhe compreender, com a sua dedicação, o papai Antonio que ainda sofre muito ao lembrar-me frustrado em meus planos para a

aviação.

Você, Mãezinha Nádia, que trabalha tanto e que chora comigo quando posso ir vê-la no Bazar, auxiliará o meu "Pá" a ajudar-se.

Querida Mãezinha, estou bem e já compreendo que os Desígnios de Deus devem ser cumpridos. Encontrarei um modo de trabalhar logo que eu puder, para auxiliá-los em suas tarefas que amparam a tantos desvalidos. Lembre-se de que a Lei de Deus sabe o que vem a ser o sofrimento de um coração de mãe que trabalha para esquecer-se e ser útil. Os seus sacrifícios serão compensados.

A querida noiva está melhorando e eu já estou com meus novos sonhos de inventar um tipo de asa delta que possa transportar o homem, a motor, mas com estação de partida e de chegada, sem qualquer aventura nos ares terrestres.

Minha avó Maria diz que todo o progresso do mundo nasceu do desejo e do ideal de alguém e por isso, Deus abençoará, um dia, os meus propósitos.

Diga ao papai Antonio que o amo sempre mais, distribua os meus abraços com meus irmãos e receba as saudades imensas e o imenso carinho do seu filho, que se sente cada vez mais ligado à sua alma querida, até que um dia Deus nos permita a completa e definitiva união.

Sidney Dell'Erba Família Pereira

VII

Família Pereira

"Meu pai foi pessoa de pouca instrução escolar, mas, espírito muito nobre, de grande coração, bastante caridoso.

Palavras de amor que representam a expressão de D. Leonilde Baumgarth, quando se refere a seu pai e nos conta do seu desenlace físico.

"Encontrava-se ele em seu sítio, onde haveria uma festa para amigos e familiares, quando foi acometido de um infarto do miocárdio. Levado às pressas para a cidade mais próxima (Sorocaba, no interior de São Paulo), onde recebeu os primeiros socorros, lá permaneceu por 16 dias na UTI. Com extrema lucidez sempre nos pedia para retornar à sua casa, em São Paulo.

Assim ocorreu.

Quando se encontrava sentado em sua sala com os filhos e netos à sua volta, fechou os olhos e desencarnou como um passarinho.

Estas foram as suas últimas palavras: Considero-me um homem realizado e feliz. Agradeço a Deus pela família que me deu.

Através dos anos de trabalho, na profissão que exercia, (comerciante atacadista), adquiriu larga experiência que lhe deu um cabedal de conhecimentos invejáveis, admirado e respeitado por todos que o cercavam.

Alegre e espirituoso, excelente esposo, pai e avô, contagiava os que com ele compartilhavam o dia-a-dia do seu otimismo e de sua vivacidade.

Mamãe desesperou-se, recusava-se a aceitar a partida de papai.

Preocupava-nos essa situação.

Resolvemos ir a Chico Xavier para uma palavra de conforto, particularmente para mamãe.

A mensagem chega-nos unindo mais ainda a família, no amor e na

fraternidade, na compreensão e solidariedade.

Abriu-me as portas para a Doutrina onde ingressei em seu estudo.

Certa ocasião, em difícil situação familiar, quando eu e meu marido não queríamos aceitar um certo acontecimento, no auge do desespero fomos a Uberaba na esperança de falar com Chico Xavier, mas infelizmente não foi possível. E qual não foi a nossa surpresa, ao terminar o culto do Evangelho no Grupo Espírita da Prece, a primeira mensagem da noite foi a de meu pai orientando-nos o caminho a seguir.

É impossível descrever com palavras o sentimento que a mensagem despertou na família. Misto de alegria para uns, incredulidade para outros, mas sem sombra de dúvidas, muito conforto e amparo a todos.

Ela nos fez entender que a vida continua.

Independente da convicção religiosa anterior, despertou-nos para a caridade e o amor ao próximo, e que podemos viver perfeitamente com Deus.

Motivada pelo exemplo de D. Yolanda Cezar, hoje e como todos os anos anteriores, no dia 10 de maio, data do seu aniversário, brindamos com a distribuição de pães e outros alimentos, em seu nome, para amenizar um pouco o sofrimento de nossos semelhantes, satisfazendo-nos no dever do amparo mútuo.

Num ressaltado, a gratidão carinhosa ao abnegado e querido amigo Chico Xavier, que tanto nos ajuda.

Falar de Chico é aprender o Evangelho de Jesus.

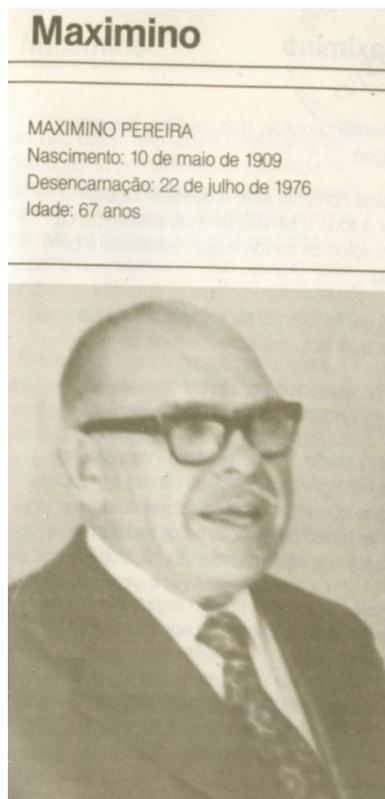
Que as famílias em desespero, na dor causada pela perda dos seus entes queridos, sintam um pouco da paz e a serenidade a nos tranquilizar os corações.

Não desanimem.

Deus é Pai e nunca desampara os seus filhos.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na
mensagem espiritual.

- Esposa: Generosa Pereira
Rua Martins, 559 - Butantã São Paulo - SP
 - Filhos: Leonilde Baumgarth, Maria Odete Rodrigues Pereira Lopes
Agostinho Rodrigues Pereira.
 - Neta: Izildinha Baumgarth Carvalho Monteiro.
 - Genro e Nora: Jorge Walter Baumgarth, Marina Pereira.
 - Amigo espiritual: Augusto Cezar Netto.
 - Amigos: Raul Cezar, Yolanda Cezar, pais de Augusto Cezar.
- Fundadores do LAR-OFFICINA, onde grande número de senhoras
mães reúnem-se no trabalho da caridade aos necessitados.



Mensagem de Maximino

Querida Leonilde, querida filha, Deus nos abençoe.

Estou contente ante a possibilidade de trazer a toda a família, em sua presença, os meus votos de saúde e paz, felicidade e bom ânimo.

Às vezes, Generosa e vocês, os meus filhos queridos, me acreditam distante.

E perguntam o porquê de nossa correspondência quase que interrompida.

Isso, porém, é impressão de vocês. Em casa, sempre que possível, eis-me ao lado da esposa querida a raciocinar quanto ao melhor modo de solucionar os problemas naturais que vão aparecendo...

Hoje, no entanto, desejo registrar a nossa satisfação com a festa de nosso amigo Augusto Cezar.

Os pais de nosso companheiro o amigo Raul e a nossa estimada dona Yolanda me perdoarão estas referências diretas, mas não posso

silenciar a nossa alegria, notando uma comemoração realizada de maneira surpreendente. Ao invés da família receber na residência as criaturas amigas, ei-la que se desloca, a fim de se colocar ao encontro dos nossos irmãos necessitados, transformando os brindes do homenageado em socorro aos companheiros do caminho.

Frascos de champanha trocados por pacotes de alimentos e quitutes preciosos transfigurados em pães e outras bênçãos, para quantos se apresentam em dificuldades maiores do que as nossas.

Acompanhei a felicidade do nosso Augusto, a partilhar, junto de companheiros diversos, da doação de si mesmo às crianças desprotegidas e os doentes.

Agradei a Jesus a sua presença de filha, com os nossos amigos, nesse empreendimento e formulo votos para que todos os cristãos venham a efetuar festas de amor e paz, ao reverenciarem os seus entes queridos, saindo da própria casa para honorificar as pessoas amadas, auxiliando aquelas criaturas em problemas difíceis e que transitam, junto de nós.

Penso quanta alegria será criada na Terra, quando cada família render esse ou aquele preito de carinho a determinado parente sempre querido, melhorando a mesa dos lares, refúgios onde se acolhem nossos amigos aparentemente esquecidos do mundo.

Quando nos animarmos a espalhar migalhas de felicidade e esperança nas enfermarias da indigência, nos recantos da penúria, nas áreas das necessidades humanas e nos ninhos de sofrimento, guardo a certeza de que a nossa alegria se transformará em rio de bênçãos para os mais carentes de nós, estejam eles em creches anônimas, em orfanatos quase desconhecidos, em pousos de geriatria, cercados de sofrimento, ou em casas de enfermos de qualquer procedência, as nossas homenagens serão mais valiosas e mais autênticas.

Conte à nossa Generosa o que foi a reunião de Augusto, em matéria de assistência ao próximo e, quanto se nos faça possível, espalhemos a idéia de transmitir os nossos júbilos familiares a outros irmãos que

atravessam longos territórios espirituais de provação e amargura, dor ou tristeza.

Peço a você, minha filha, transmitir ao nosso Agostinho, à Maria Odete, à Marina, ao Jorge Walter e a todos os nossos familiares as minhas lembranças de paz e agradecimento. A nossa Generosa, você dirá que ela esteve espiritualmente em nossa companhia, durante todas as manifestações de carinho hoje exteriorizadas em honra de um filho querido, supostamente morto, conforme a decisão dos pais que esposaram essa idéia feliz.

Não desejo fazer uma lista de avô coruja recomendando-se aos netos, mas desejo que você diga a Izildinha que estamos cooperando, quanto possível, para que ela seja uma feliz mãezinha, a enriquecer-se de mais ternura para o lar e para a nossa família toda.

Temos cogitado de colaborar na sustentação de sua saúde de esposa e mãe e o quanto se nos permite, seguimos o Walter em suas preocupações e esperanças. Contemos com o Socorro de Jesus.

Muito grato por compartilhar com você em pessoa e representando todo o nosso grupo doméstico, nas expressões e realizações de alegria e beneficência que cercam a memória de nosso Augusto amigo, envio muito carinho à nossa querida Generosa e rogo a você receber um grande abraço do Papai reconhecido.

Maximino Pereira

VIII

Família Sichetti

"Quem pode dizer que a felicidade constitui uma família, onde sequer se imagina que a desencarnação de um de seus membros possa desestabilizar tanto a vida dos seus constituintes.

Achávamos antes da desencarnação de nosso filho, que a felicidade não terminaria. Um filho de alegria contagiante, não muito preocupado com os estudos, mas convicto de fazer a felicidade de seus pais, pretendia a formação de Engenharia Mecânica. Para isso, cursava o segundo ano no Colégio Objetivo e, em outra escola, paralelamente, aproveitava aprimorar-se em computação para auxiliar nos seus objetivos.

De formação cristã católica-romana, nossa família procurava empenhar-se no respeito mútuo e aclimatar-se na ação de servir o próximo.

Flávia e Cláudia, duas filhas maravilhosas, completavam e hoje, mais do que nunca, completam os nossos momentos de alegria.

Fernando surpreendia-nos.

Em completo anonimato, ajudava nas Feiras de Bondade, participava e montava gincanas para angariar fundos às entidades filantrópicas, sem nada nos dizer.

Ao saber dessa sua qualidade, ficamos mais agradecidos a esse menino-moço, que tanto amor trazia em seu coração.

Com o acidente, nosso castelo da alegria desmoronou.

Fernando, nos seus 18 anos de vida sadia, gostava muito de passear, juntar-se aos amigos e aproveitar sua juventude. No dia 20.08.1983, saiu em companhia de Mauro e duas colegas para um passeio na Zona Sul da cidade. Na volta, quando se dirigiam para casa, na Avenida 23 de Maio, aproximadamente às 0,30 horas, com Mauro ao volante, o veículo desgovernou-se projetando uma capotagem. Nesse momento,

Fernando, como descreve em sua mensagem, percebeu a gravidade do que estava prestes a acontecer.

O carro capota e Fernando é atirado á distância, batendo com cabeça em algo muito sólido.

A caminho do Hospital vem a desencarnar.

Não obstante, sua preocupação com o amigo Mauro é muito grande. Pede a seu pai que vá ao encontro do rapaz para consolá-lo e eximi-lo de culpa, apagando-lhe as cenas desagradáveis que ele ainda conserva.

O que fazer?

Conhecíamos Chico Xavier através dos noticiários que a imprensa sempre divulgou a seu respeito. Caridoso, humilde e apóstolo da Doutrina Espírita.

A ansiedade tomou conta de nós. Sabíamos que a solução para o nosso desespero era ir ao encontro de Chico Xavier. Dirigimo-nos com o coração cheio de esperanças.

Ao recebermos a mensagem das mãos do querido médium, uma vida nova nasceu, devolvendo-nos a fé que havíamos perdido. Passamos a compreender que Fernando não partira antes da hora e os esclarecimentos na mensagem trouxeram-nos a paz.

A você mãe, pai, esposo ou esposa, filhas ou filhos queridos, Deus está conosco.

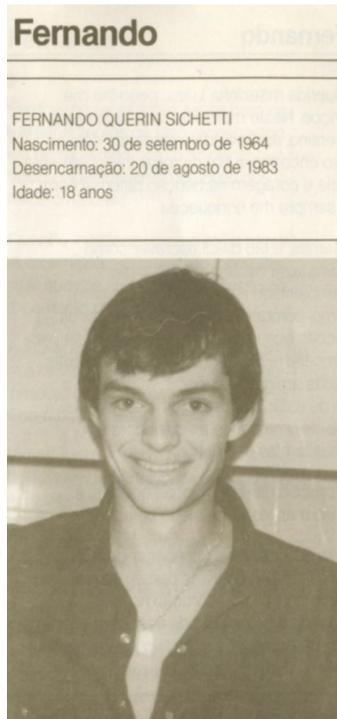
Não se perturbem vossos corações.

O reencontro é dádiva do Pai.

Com paciência e resignação, aguardemos esse dia.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem espiritual.

- Pais: Laurentino Roque Sichetti, Luiza Querin Sichetti.
Rua Bento Araújo, 149 - Bloco A - Apto. 103 - São Paulo - SP
- Irmãs: Flávia e Cláudia Querin Sichetti.
- Avó Clotilde: Avó materna, desencarnada em 04.05.1979.
- Avó Antonio Sichetti: Bisavô paterno desencarnado em 28.08.1944.
- Mauro: Amigo que dirigia o carro durante o acidente.
- Augusto: Augusto Cezar Netto, filho de D. Yolanda Cezar, nosso amigo espiritual.
- Avó Antonia: Avó paterna.



Mensagem de Fernando

Querida mãezinha Luiza, peço-lhe me abençoe. Neste momento recordo o papai Laurentino, associando a presença dele ao nosso encontro, a fim de rogar-lhe igualmente alegria e coragem na bênção paternal com que sempre me enriqueceu.

Mamãe, é tão difícil escrever como procuro fazer nesta hora. Sinto-me desambientado e um tanto fora de mim mesmo, porquanto, preciso considerar os corações que se harmonizam nesta sala para favorecer-me. Compreendo que estou entre pessoas amigas e sinceras, mas tenho a idéia de estar realizando uma prova difícil à frente de uma banca examinadora em minhas tarefas estudantis.

É preciso dar-lhes minhas notícias, é preciso manifestar os meus agradecimentos.

Não sei como me desobrigar desses deveres com as palavras certas, no entanto, escrevo com o meu coração no lápis, colocando o sofrimento de nossa separação acima de qualquer tom festivo, que assinale a reunião de nossos amigos presentes.

Perdoe-me se escrevo assim com os meus sentimentos de filho reconhecido, ainda sensibilizado com o acidente que me arrancou violentamente do corpo que considero natural.

Quando lhe disse que iria até o barzinho com os amigos, estava muito longe de pensar que me achava em processo de desligamento da família.

Achávamo-nos todos contentes e felizes com a união que nos tornava quase que uma só pessoa, pela mesma identificação total uns com os outros.

Impossível para mim que tanta alegria pudesse prenunciar uma provação, como a que me afastou de casa e da vida.

O nosso carro, de fato, parecia estar com alguma velocidade excedente, mas o Mauro era, aos nossos olhos, um condutor seguro.

Em certo momento, cheguei a observar com a minha alegria de rapaz, que nossa máquina dava sinais de febre alta.

Não se passaram muitos instantes e tive a queda fatal, sendo atirado à distância.

A cabeça bateu com tanta força de encontro a um corpo sólido que não tive dúvidas quanto à gravidade do que nos ocorrera.

Conquanto quisesse olhar para os amigos e verificar-lhes a situação, um estranho torpor me imobilizou. Quis movimentar os lábios e as mãos, entretanto, não me pareceram aptos a obedecer aos impulsos da vontade e da mente.

Eu era eu mesmo, no tumulto que se fazia em torno de mim, no entanto, a força que me ligava às funções do corpo se me figurava cortada.

A inércia tomou conta de mim, embora por dentro estivesse mantendo o desejo de me comunicar com o papai Laurentino, para dar-lhe ciência do acontecido.

Amigos que não identifiquei me seguravam e me recomendavam despertar-me, mas como responder ao que me solicitavam?

A boca estava imóvel e as mãos surgiam hirtas.

Desejei tanto enviar-lhe algum recado, duas poucas palavras que fossem, entretanto, minhas forças me abandonaram rapidamente.

Não tive idéia da morte e sim alimentei a suposição de que voltaria à casa para recuperar-me.

Mas tudo foi inútil.

Percebi vagamente que me conduziam a um hospital ou para algum consultório médico onde, segundo minhas esperanças, despertaria para reconhecer-me em casa.

Reconheci-me no resto de minhas energias e não me enganava. Um sono inexplicável se apossou de mim e não pude fugir daquela intimação ao repouso compulsório.

Quando acordei, ignorando o tempo que despendera no contratempo inesperado, vi ao meu lado uma senhora que parecia interessada em me auxiliar. Não pude responder apressadamente às perguntas que ela me fazia, por que não conseguia locomover-me ou falar de pronto, mas percebi que ela me amparava com carinho de mãe e entreguei-me, sem resistência, ao auxílio que suas mãos me estendiam.

Foi então que fiquei sabendo que se tratava de minha avó Clotilde a me dispensar proteção.

Imagine, mãezinha, a luta a que fui atirado, nas minhas inquietações sobre a vida e a morte. Com poucas frases minha avó me explicou que eu já conhecera muitas experiências, mas me faltava aquela da morte repentina.

Lutei muito comigo mesmo para não chorar, mas mesmo assim o pranto me correu do coração para os olhos, ao lembrar-me de que seu carinho e o carinho de meu pai e das queridas irmãs, Flávia e Cláudia, haviam ficado para trás.

Minha avó consolou-me com palavras de bondade, semelhantes às suas, porque, segundo as informações dela, se me demorasse no corpo físico seria para viver numa cama, paralítico por muito tempo. Assim, ela e o avô Antonio Sichetti me guardariam convenientemente até que me vissem recuperado.

Realmente, eu me restaurei, mas para uma vida diversa em que, no momento, procuro ser a esperança e o bom ânimo para o meu pai abatido.

Estou ainda numa tarefa de me reanimar totalmente para ser o novo servidor do bem que preciso ser. Encontro-me nesta fase, embora saiba que estou à frente do aniversário com o seu coração de mãe palpitando de saudades e de alegria.

Conforme observo, querida mãezinha, prossigo em condições razoáveis de reajustamento, mas venho pedir-lhe me auxiliar com as suas preces de paz e de amor a fim de que as minhas forças se refaçam.

Já fui diversas vezes à nossa casa e noto a tristeza sombreando o rosto do papai Laurentino ao recordar-me. Afinal, eu era o filho em que ele depositava tantas esperanças, mas peço o seu carinho em dizer-lhe que logo que esteja plenamente refeito, permanecerei com ele, colaborando no seu trabalho, no que ele foi sempre o herói de nossa casa.

Peço-lhe ainda não chorar tanto ao recordar-me, pois estou vivo e íntegro com todas as minhas forças.

Amparem-me com as lembranças de minha alegria, diante da vida e do mundo. E verdade que não consegui ficar aí para ser, ao lado de meu pai, o companheiro que ele desejava ter, entretanto, de outro modo, conseguirei cooperar com ele.

Mãezinha, de todas as impressões negativas que ainda trago comigo, uma das mais fortes é a que se refere ao meu desejo de reconfortar o Mauro, amigo que se fez tão diferente do que era. Observo nele a amargura ao lembrar-se de ruim, como se tivesse qualquer culpa no acidente havido, quando sempre encontrei nele um amigo sincero e um companheiro fiel.

Peço ao papai Laurentino dizer-lhe que acidentes acontecem todos os dias e que devemos aceitar, sem revolta, as ocorrências que surjam contrárias aos nossos desejos. Se o carro adiantou-se um tanto mais,

isso decorria das excelentes condições em que deslizávamos despreocupados.

Graças a Deus tudo terminou bem, porque a vovó Clotilde me comunicou que poderia ficar parafusado no leito por muito tempo.

Não há motivos para lamentações, porque as leis de Deus são justas e se fui eu, na turma, aquele companheiro que deveria partir primeiro ao encontro da Vida Espiritual, isso demonstra claramente que o meu tempo no mundo físico seria muito curto.

Papai Laurentino não estará sozinho no trabalho e minhas irmãs não estarão sem o irmão que as acompanharia para distrações.

Tudo está certo e devemos lembrar o meu pobre aniversário com alegria. Estamos aqui numa festa de aniversário, em que nosso Amigo Augusto é o companheiro sorridente e feliz por se reconhecer lembrado carinhosamente.

Esqueçamos a tristeza da desencarnação, acompanhada com tantos rituais desnecessários. Tive pena das flores tão lindas enfeitando a nossa separação, quando meu avô Antonio me fez reviver toda a seqüência do fim do meu corpo...

Tudo revi e compartilhei de nossos sofrimentos, mas não precisávamos tanto requinte de lágrimas, com flores viçosas como que a chamar-nos para a vida e não para a idéia da morte. Felizmente, tudo já foi arquivado no tempo e, à nossa frente, descobrimos muito trabalho a fazer por nós e pelos outros.

Nossa querida Cláudia e nossa querida Flávia estão aí requisitando nossa atenção. E quanto a mim, estou melhorando para ser útil ao papai e também ao seu generoso coração materno, às meninas, a querida vovó Antonia e a todos os nossos.

Agora vovó Clotilde recomenda que eu termine.

Bastaram alguns momentos para que eu a sentisse quase você mesma, querida mãezinha, junto de mim. As saudades são nossas, mas Deus nos fortalecerá para que as transfiguremos em esperanças.

Mãe, peço mais uma vez seja dito ao Mauro que eu estou forte e

novamente refeito, a esperar que ele se esqueça de qualquer minudência desagradável quanto à nossa corrida natural.

Fui o companheiro intimado pelas leis de Deus a viajar para longe, mas isso não quer significar que esse ou aquele amigo teve culpa na transformação a que me submeti.

Muitas lembranças aos amigos e às queridas irmãs.

Minha avó Clotilde me recomenda pedir desculpas pela extensão destas notícias, o que faço contando com a tolerância de todos os amigos presentes.

E quero acrescentar que notícias longas exprimem saudades e mais saudades. A gente escreve e escreve, ignorando de que maneira mostrar o coração. Ao papai Laurentino, os meus agradecimentos, com muito carinho à vovó e rogo a você, querida mamãe, receber muitos beijos em sua fronte querida do filho que continua a ser sempre seu, sempre o seu

Fernando
Fernando Querin Sichetti

IX

Família Stella

"Hoje estamos confortados pelas notícias recebidas de nosso filho, e queremos dizer àqueles que ainda não tiveram esse consolo que confiem e tenham fé em Deus nosso Pai e Jesus nosso Mestre e Senhor.

Para quem está lendo neste momento, estas palavras de um pai e uma mãe que sentiram a perda de um filho e, pelo sofrimento causado, que as palavras dele, nosso filho, possam servir de estímulo a quantos casais como nós, buscam na saudade, viver a imagem da alegria dos momentos felizes em nossas vidas, conquanto ainda o coração nos aperte, aprendemos a valorizar a beleza da vida, estimulados nessa força que é o amor, na trindade, pai, mãe e filho.

Vejamos as suas palavras:

"Meu pai não hospede a tristeza e viva, sim, contemplando a beleza que o Deus de Amor colocou em toda Criação..."

Moacyr Stella Júnior, médico, ao findar seus estudos, apesar de sacrificado por sua doença, um tumor cerebral e após várias cirurgias, com esforço, conseguira a sua formatura. Criara como objetivo ardente, a Pediatria.

Sonhava cuidar de crianças.

O pouco tempo que lhe restou de vida, desfizera os seus ideais aqui na Terra.

Deus, com bondade infinita permitiu que esse desejo fosse realizado na espiritualidade, segundo ele mesmo confirma, em trecho de sua mensagem, recebida por Francisco Cândido Xavier, confirmando o seu ideal, o cuidado com as crianças.

Eis o que nos diz:

"... no entanto, ao mesmo tempo, a esperança me dizia que as crianças me aguardavam..."

Deus é misericordioso em qualquer circunstância quando seus filhos entram em colapso de sentimento.

Sabíamos da existência de Francisco Cândido Xavier, detentor de mediunidade cristã, caridoso, acima de qualquer pretensão, empenhado em servir à humanidade sofredora. No trabalho mediúnico, como tônica central, a caridade, desfila entre os circunstantes necessitados do saber cristão, como esclarecedora do sentimento que assola os corações angustiados, marcando a relação entre o homem e Deus.

Com o auxílio da dor e as informações recebidas, nos fizeram ver que Chico Xavier não era simplesmente um médium. Há neste homem uma bondade e humildade muito grandes, qualidades essas que Jesus vem pregando há dois mil anos através do Evangelho e de seus Emissários de Luz.

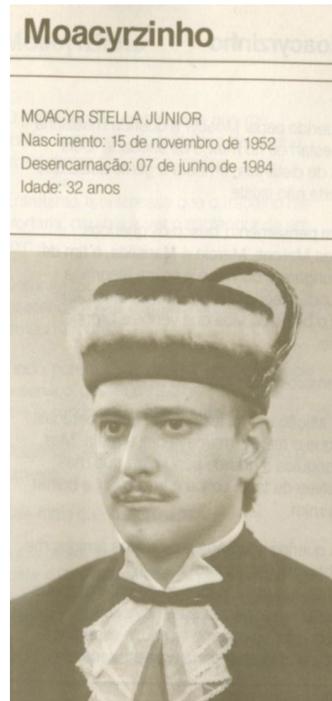
Chico Xavier cuja missão esclarecedora, educativa e missionária, leva ao conhecimento do mundo os ensinamentos de Cristo e na plenitude de sua consciência, na grandeza de seu coração, coloca-se na posição de um minúsculo "Cisco"

Na doença de nosso filho, minha esposa esteve em Uberaba tentando falar com Chico. Infelizmente não conseguiu. Na desencarnação de Moacyrzinho, no desespero, foi-nos sugerido que procurássemos o médium de Uberaba. Indicado o LAR-OFICINA, onde minha esposa passou a freqüentar, e através da bondade de D. Yolanda Cezar, pudemos chegar até ele.

Obrigado, querido amigo Chico Xavier, pela paz recebida e a Deus por permitir sua existência entre nós."

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na
mensagem espiritual.

- Pais: Moacyr Stella, lida Coelho Stella.
Rua Inhambu, 952 - Moema - São Paulo - SP.
- Irmãos: Marcos Stella, Marisilda Stella, Márcia Stella.
- Avó materna: Ana Coelho.
- Irmão Kamura: Benfeitor Espiritual, exercendo maravilhoso trabalho de cura aqui na Terra pelo médium Benedito, na casa de caridade Irmão Kamura à rua Marrey Junior, 84.



Mensagem de Moacyrzinho

Querido papai Moacyr e querida mãezinha Ilda, estamos no marco da saudade. Dois anos de distância, embora a gente saiba que a morte não existe.

Em pensamento, busco os queridos irmãos Marcos, Márcia e Marisilda, a fim de comungarem conosco a nossa alegria, a profunda alegria que Deus criou nos Céus para o brilho da vida que vence a própria morte.

Lembro-me de todos os detalhes.

A aflição e a tristeza quase desesperadas, em que o relógio marcava dez e meia. Mas, em seguida à grande penumbra que me envolveu de todo, voltou à luz do Sol a brilhar para mim.

A querida vovó Ana e os outros amigos me lembravam velhas intuições. Sim, eu estudara, sabendo, de antemão, que a morte me esperava para nova lição. No entanto, ao mesmo tempo, a esperança me dizia que as crianças me aguardavam...

O júbilo recobriu a saudade que me envolvia, num misto de tristeza

e de alegria, com saudades dos pais e irmãos...

Entretanto, a promessa que o trabalho me confortaria, deu-me a ver o esplendor de um novo dia...

Demorei-me, ainda, algum tempo, para obter atenção mais clara e mais segura, junto ao irmão Kamura...

Findo, porém, esse período de experiência e de serviço, passei para o berçário, que continua sendo a luz de meu itinerário.

Duzentos pequeninos que me esperam e me amam...

Que mais quero além disso?

Junto deles, torno a encontrar a minha infância e vejo mamãe Ilda a proteger-me em tudo, com seus olhos de amor sobre as mãos de veludo.

Chamam-me por tio essas lindas crianças desterradas do lar em que nasceram...

São pequeninos internados que procuram o papai e a mamãe, vasculhando pavilhão a pavilhão, qual se estivessem procurando o próprio coração.

E as perguntas, chovem sobre mim:

— Tio Moacyr, quando meu pai virá buscar-me?...

— Tio Moacyr, quero sair daqui sem esperar mais tempo... sem rumor, sem alarde... e voltar para os meus!

— Tio Moacyr, onde está Deus que me mandou buscar do colo de mamãe?

— Tio Moacyr, eu não quero ficar, quero partir...

Tio Moacyr, procure um carro que me leve de volta a casa em que nasci... O meu pai pagará qualquer despesa...

Outras crianças, brincam em plena natureza, mas me dizem baixinho:

— Minha casa na Terra tem muito mais beleza e mais carinho!

Que fazer, mamãe Ilda, senão doar-lhes mais amor, do amor que recebi de seu devotamento?

Revejo-me pequeno em seus braços maternais e eu, que esperava

tanto as histórias de meus pais, conto a essas crianças exiladas na Outra Vida, histórias e lembranças que não terminam mais...

Conto-lhes tudo isto, neste início de terceiro ano, de paz espiritual, tão somente no intuito de enfim, agradecer-lhes quanto me deram em ternura para que eu seja aqui um pediatra-tio do coração.

E agradeço-lhes não apenas por mim, mas por todas as crianças às quais eu já consigo entregar todo o meu pensamento alegre e amigo, recordando a ventura com que o papai Moacyr e a mãezinha Ilda me fizeram viver entre a fé e a ternura.

Mamãe Ilda, estou bem, fique tranqüila.

Meu pai, não hospede a tristeza e viva, sim, contemplando a beleza que o Deus de Amor colocou em toda a Criação.

Sou feliz trabalhando, segundo me ensinaram.

Todos os brindes que doaram hoje à criançada formam, nesta noite, um monte de alegria em minha estrada.

Muito grato, eis que repito, por esse amor lindo e bendito com que me recordaram hoje com bondade e carinho e saibam que prossigo, ao beijar-lhes de novo, as mãos queridas, que continuo sendo com imensa gratidão e com imenso carinho, o filho sempre reconhecido.

Moacyrzinho
Moacyr Stella Junior

X

Família Mangano

— O que aconteceu ao Giuseppe Mateus, Dona Zilma?

— Esta foi a nossa pergunta.

"Acidentou-se na Rodovia Castelo Branco sobre a Ponte de Barueri."

Giuseppe viajara com sua noiva Alice Wiltzman para Porto Feliz, ao encontro de alguns familiares que lá estavam na chácara de propriedade de Alice. Isto em 21.12.1984.

Projetaram voltar três dias após, mais precisamente no dia 24, para estarem com a família na ceia natalina.

Assim o fizeram, porém na volta para São Paulo, resolveram parar na cidade de Porto Feliz e alteraram o seu roteiro. Giuseppe telefonou aos pais para os votos natalinos, dizendo que voltaria no dia 25 para almoçar e comemorar o Natal, o aniversário de seu pai e a cerimônia das Bodas de Prata que os mesmos completavam nesse dia.

A festa seria completa. A alegria estaria presente fazendo o seu ninho no lar dos Manganos.

Retornaram para a chácara e ali pernoitaram.

A manhã chegou e prepararam-se para a volta.

A viagem transcorria para Giuseppe com aparência normal, mas, o seu pensamento era invadido pela preocupação. A saudade de casa crescia em seu coração, não entendia o porquê, se estava a caminho do lar.

Guardava a intuição de que sua existência seria alterada, conforme o seu comentário na mensagem recebida.

Tudo estava tranquilo. Sem imprimir grande velocidade ao veículo, aproximavam-se do local que seria para Giuseppe e para Alice, o retorno à Pátria Espiritual.

Ao alcançarem a Ponte de Barueri, sobre esta são abalroados por

enorme carreta que os lança para baixo.

O socorro foi imediato. As almas da fraternidade cristã logo apareceram para levá-los ao Pronto Socorro de Barueri, mais próximo do acidente. E nesta casa hospitalar, o casal que projetava uma vida de encantos e felicidades para os próximos dias, estavam à beira do casamento, era socorrido. Enquanto isso acontecia, seus pais, preparando-se para as homenagens do dia, de nada sabiam.

As alegrias estavam prestes a ceder lugar à dor.

O telefone toca e do outro lado da linha, a voz de um representante da Guarda Rodoviária informava-lhes sobre o acidente. Giuseppe e Alice desencarnaram.

Por concurso prestado, Giuseppe aguardava a data de 2 de janeiro de 1985 para iniciar seu trabalho no Jornal "O Estado de São Paulo"

Trabalhou no Jornal "Shopping News".

Cursara o 3º ano de engenharia nas Faculdades FESP e era primeiranista na Faculdade de Comunicações Anhembi.

Filho dedicado e carinhoso, conforme D. Zilma, Giuseppe desprendia-se com muita facilidade das coisas materiais, vivendo cada dia de sua vida, o mais intensamente possível.

Com o hábito de ir à Igreja constantemente, D. Zilma em suas orações, cumpria as obrigações cristãs. Hoje, confessa que essas orações têm sentido muito mais profundo. Os conhecimentos adquiridos na Doutrina Espírita e o culto do Evangelho no Lar, que realiza semanalmente, criam forças para o trabalho aos mais necessitados soerguendo o seu ânimo e dos familiares.

Em poucas palavras nos disse:

"Procuro elevar-me espiritualmente para contribuir com os meus filhos que partiram, sim, porque Alice é para mim também uma filha. Que juntos possam receber as vibrações do meu coração. Ao mesmo tempo procuro preparar-me com mais compreensão para ajudar minha família e perdoar os que foram o caminho para a nossa dor.

Isto eu não poderia entender se não fosse através de uma amiga de

Alice, de nome Deusalinda Feliu Cataly, que nos orientou e apresentou-nos à D. Yolanda e da mensagem recebida, de onde pude extrair os ensinamentos com os quais a misericórdia de Jesus me agraciou.

A presença de Chico em minha vida é como se eu estivesse vivendo na época de Jesus e fosse apresentada a um de seus apóstolos.

O apóstolo do consolo para os angustiados que, como nós, passaram por esta prova."

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem espiritual.

- Pais: Giuseppe Cano Mangano, Zilma de Luna Mangano - Rua Bicudo de Brito, 860 - São Paulo – SP.
- Irmão: Marcelo Cano Mangano.
- Giuseppe Amatto: Amigo e vizinho de trinta anos. Acompanhou o crescimento de Giuseppe Mateus Mangano e foi quem o recebeu no Plano Espiritual, dando-lhe os primeiros esclarecimentos.
- Noiva: Alice Wiltsman, nascida em 06 de abril de 1966, desencarnou juntamente com Giuseppe.



Mensagem de Giuseppe Mateus

Querida mãezinha Zilma e querido papai Giuseppe, estamos unidos na mesma bênção da fé em Deus, e, por isso, sabemos que a vida prossegue...

A oração pela felicidade dos pais queridos e do nosso Marcelo tem sido constante em minha vida nova.

Mãe, não chore com mágoa. A lágrima é nossa herança e creio que todas as criaturas humanas conhecem, esse batismo de pranto que nos eleva o coração para Deus.

Perdoem-nos, os pais queridos, se não conseguimos festejar-lhes as Bodas de Prata no Natal passado.

Saímos de Porto Feliz na convicção que amanheceríamos em São Paulo, para ser os primeiros a abraçá-los. Os Desígnios de Deus, porém, foram outros.

Não sei explicar com clareza o que me ocorria.

Guardava a idéia de que a minha existência seria alterada. Fitava os olhos de nossa querida Alice, procurando neles a luz do futuro, mas não via neles senão o amor imenso que nos ligava um ao outro. Um amor que me falava de beleza fora do tempo terrestre, uma união que

ultrapassava os limites da própria morte, se ela nos surpreendesse.

Tão perto me achava da libertação do mundo físico, no entanto, o instinto da vida falava mais alto.

Era preciso crer no Porvir, esquematizar os acontecimentos que dignificam o lar e lutava contra a intromissão do desencanto em meus dias.

Mãezinha, tudo devia ser tal qual nos vimos, arrebatados para um mundo diferente em que não esperávamos viver.

Mesmo naquela véspera do Natal, amanheci com o sinal amarelo no pensamento, como se alguém me determinasse esperar.

Por que, não saberia dizer.

Sonhava com a passagem da condição humana para a condição espiritual.

E enquanto mentalizava as tarefas do casamento que intimamente aguardava para breve, percebia que o desalento era uma espécie de posseiro inflexível, senhoreando o meu destino.

Muitas vezes, busquei a presença da querida Lika a fim de que ela me acendesse no íntimo a lâmpada do entusiasmo que esmorecia, mas ainda com o sorriso de minha escolhida para a esperança, a sombra por dentro de mim ganhava espaço e me empenhava com todas as forças para acompanhá-la em seus pensamentos altos de confiança em nosso triunfo.

Ela própria, a nossa Lika, me insuflou a idéia de voltarmos para que, em casa, a nossa felicidade fosse completa.

Começamos o regresso, no entanto, parecia-me sentir a saudade antecipada de nossa casa e de nossa alegria. A querida companheira me fazia ver uma flor desconhecida, uma nesga de Céu azul, qual se me requisitasse daquela esquisita introversão, mas debalde...

Inesperadamente para ela, registrei aquele anseio irresistível de buscar o reconforto do telefone para ouvir a sua voz, apresentar-lhe, extensivamente a meu pai, os meus votos de Feliz Natal e de um aniversário da felicidade, que surgisse iluminado pelas bênçãos de

Deus.

Lika não me contrariava desejo algum. Aprovou-me sorridente a decisão de telefonar do caminho e repeti-lhe as palavras de amor e bênção que recebera de seus lábios de Mãe.

A viagem continuou sem episódios dignos de menção, entretanto, a saudade de nossa alegria estava comigo qual se estivesse incrustada em meus pensamentos.

Não compreendia os sentimentos complexos que me abafavam.

Por que saudade do lar, quando seguíamos para ele?

Por que aquela quarta-feira de cinzas em pleno Natal a chamar-me para as mais belas realidades da vida?

A cidade aproximava-se de nós ou nós nos abeirávamos dela.

Barueri parecia retratar-se por dentro de mim, quando entramos na ponte sem qualquer exagero de velocidade.

Estávamos sóbrios, calados.

Quem poderá saber o que aparecerá no minuto próximo?

Um toque de carreta pesada e despencamos para baixo.

Oh! querida mãezinha, quem descreverá o indescritível?

Lika e eu nos abraçamos ou tentamos abraçar-nos, não sei bem. As idéias se me baralharam na cabeça.

Onde estava Alice que eu devia proteger?

Quem me poderia responder as perguntas e atender-me as rogativas, naqueles instantes dolorosos demais para serem descritos?

A idéia de Deus relampagueou-me no cérebro. Deus que me dera à vida poderia retomá-la quando quisesse. Esse gesto interior da paciência me pacificou a alma e orei com um calor de fé para mim até então desconhecido...

Vi-me fora do corpo habitual, qual se eu fosse uma ervilha humana repentinamente expulsa do revestimento natural...

Fitava o meu corpo e me sentia num corpo igual àquele que os instantes daquela estranha experiência já me haviam separado. Minhas percepções, entretanto, estavam modificadas. Tentei assegurar-me do

local onde fora esbarrar, mas em vão tentei alinhavar impressões que não chegava a reunir.

Ouvi vozes. Alguém que soube por Lika, mais tarde, ser um amigo que ela nomeou por tio Wiltzman repetia as palavras do Salmo 23, com a fidelidade de quem estivesse com a Bíblia nas mãos:

"O Senhor é meu Pastor e nada me faltará. Deitar-me-á em verdes pastagens..."

A bela invocação continuou e asserenei-me. Incapaz de definir o que se passava, lobriguei a presença de alguém que me abraçava.

Quem era?

Fosse quem fosse, agradecia o calor daqueles braços que me enlaçavam carinhosamente.

Meu nome familiar foi pronunciado e procurei identificar o desconhecido.

Centralizei todas as minhas energias e, embora imperfeitamente, qual se meus olhos não pudessem responder às exigências da visão, notei que me achava à frente daquele inesquecível amigo que muitas vezes chamei por tio Giuseppe Amatto.

A força da amizade e da gratidão era vigorosa demais para que me mantivesse afastado e caí-lhe conscientemente nos braços, a me agarrar ao seu peito forte, qual a criança quando se prende ao colo da Mãe...

Um choro convulsivo em que se misturavam alegria e sofrimento, amargura e esperança me assinalou todas as faculdades do espírito, enquanto ele me pedia repousar e dormir.

Ignoro os mecanismos postos por ele em ação, em meu favor, porque suave anestesia me percorreu todo o corpo e entrei num sono ou desmaio, do qual somente despertei dias depois. Emprego semelhante expressão "dias depois"; porquanto eu desconhecia, como ainda desconheço a duração do tempo em que me vi alienado, fora de minha própria realidade espiritual.

Não consegui retomar a palavra de improviso.

Ouvia com segurança, entretanto, falar demandava um exercício para o qual devia entregar-me com atenção.

Penso que a minha alegria ao recobrar os recursos da expressão verbal, deve ser a felicidade dos mudos quando retomam os processos da fala.

A breve tempo, a minha bisavó, tão jovem qual se estivesse vindo das fontes da juventude, veio ter conosco, tutelando-me qual se fosse você mesma, mamãe querida.

Indaguei do que sucedera à nossa Lika e vim a saber por nosso amigo Giuseppe quê ela estava sob o amparo da família, refazendo forças...

Mãezinha Zi, o seu coração pode avaliar tudo o que seu filho sentiu naquelas horas de contato com a verdade.

Lembrei-me, porém, de sua fé viva em Deus e da serenidade de meu pai e reconquistei-me para a razão e para o equilíbrio que se me faziam necessários.

O amigo Giuseppe conduziu-me ao nosso ambiente doméstico, no qual minhas lágrimas se confundiram com as suas, diante de nossos retratos e pude reaver os meus primeiros contatos com a noiva do coração e companheira inesquecível.

Conto-lhe tudo isso, pedindo-lhe aceitação dos Desígnios de Deus.

Mãezinha, não há tempestade que se eternize.

Os dias são passados, venho pedir-lhe, tanto quanto a meu pai, para que não se suponham sozinhos ou desamparados.

Choremos porque a saudade em nós exige a desibinição das lágrimas, no entanto, choremos admitindo a Sabedoria do Senhor que sabe melhor do que nós todos o rigor dos caminhos terrestres.

Estou bem, minha querida Mãezinha.

Não há motivo para amargura.

Voltemos aos nossos dias de fé renovadora. O reencontro virá, mas espero em Deus esteja longe, porque a sua vida é preciosa na Obra de Deus.

Não permita que o desalento amplie em nós a sua área de influência negativa.

A vida é bela, com as dores com que nos possa envolver.

Quem enxuga o pranto alheio não mais encontra ocasião para chorar.

Lembremos os outros Giuseppes que estão caídos em extrema penúria. Auxiliá-los será auxiliar-nos.

Mãe, tudo agora me parece novo, conquanto a presença da nossa separação, porque a separação é uma presença dolorosa em nosso próprio ser.

Unamo-nos aos que trabalham para melhorar a vida dos que tombaram em provações maiores do que as nossas e recapitulemos a certeza de todas as bênçãos que temos recebido.

Lika está melhorando e seu filho está na melhor forma que se faz possível para ser-lhes útil.

Espero que minhas notícias lhe tragam consolo e paz. E creia, seu coração querido e eu nos reencontraremos, um dia, nas estradas do tempo, mas pelo trabalho aos semelhantes podemos sentir-nos unidos desde agora.

Muito amor ao Marcelo e reunindo-a com meu pai no abraço de sempre, rogo-lhe me abrace também, em seu pensamento, para que o frio da saudade não me retome, porque hoje e sempre, sou e serei o seu filho e companheiro de alma e coração.

Sempre o seu filho reconhecido

Giuseppe Mateus Mangano

XI

Família Chapela

Para José Luiz, voar sempre foi o objetivo de sua vida. Aos 19 anos já era piloto privado. De formação católica, possuía poucos conhecimentos sobre a Doutrina Espírita, apesar de sua mãe professar a mesma há mais de 30 anos e, vez ou outra, levar-lhe alguma informação, sem entrar no seu espaço religioso, em respeito a sua convicção.

Em 03 de setembro de 1982, José Luiz substituía outro piloto que, no último momento se viu impossibilitado de fazer o vôo, por problemas de saúde em família.

O avião partiu de São Paulo com escalas no Rio; Brasília e Tucuruí, devendo pousar em Porto Velho ou como alternativa de vôo, na cidade de Rio Branco-Acre. Em Porto Velho não foi possível pousar devido ao mau tempo reinante, prosseguindo para o citado plano alternativo. O Aeroporto Internacional estava com falta de energia elétrica e seus funcionários participavam de alguma homenagem nas imediações.

Várias tentativas de pouso foram feitas.

A população tentava iluminar o local, sem muitos recursos, por impedimento do funcionário responsável. O combustível esgotara. O acidente era inevitável.

José Luiz foi atendido até no momento de sua desencarnação. Sempre desejou partir deste mundo fazendo o que mais gostava, voando.

Ele nasceu para voar.

Neste acidente partiram para o Plano Espiritual, o Comandante Wanderlyr A. Wittitz, os casais de passageiros Jaime e Helena Júlia Barcessat; Fausto César e Elaine Guimarães; Geraldo Affonso e Denise L. Prates; Antonio Eduardo e Maria da Glória Almeida.

José Luiz formou-se piloto comercial pela Escola Superior de

Aviação em 1979 e contava com mais de 1.000 horas de vôo.

Em maio de 1983, precisamente no dia 19, Dona Piedade foi a Uberaba com um grupo de mães para conhecer de perto os trabalhos de Chico Xavier. Ficou sabendo que, apenas escrevendo um bilhete com a data de nascimento e desencarnação e o nome do ente querido, poderia receber alguma notícia. Na oportunidade, colocou o bilhete no bolso do paletó de Chico Xavier.

Exatamente um mês depois, em 19.06.1983, D. Piedade dormia e, na madrugada acordou com a voz do filho que lhe dizia: — "Mamãe, já recebi a carta do Chico Xavier." — E pensou:

— Que carta?

Pela manhã lembrou-se do bilhete deixado no bolso de Chico.

Em agosto é convidada a colaborar no trabalho de assistência ao próximo, no LAR-OFFICINA, sob a orientação de D. Yolanda Cezar. Assim o fez.

Em setembro retorna a Uberaba ainda sem esperança de receber a mensagem, mesmo sabedora do recado do seu filho, entendendo a necessidade do conforto espiritual a outras mães presentes.

Surpresa, no segundo dia de visita, a mensagem foi psicografada.

Por solicitação, Dona Piedade conta o valor dos esclarecimentos contidos na carta de seu filho Chapela.

A mensagem sem dúvida trouxe o alívio imediato das minhas aflições e dos meus familiares, bem como configurou o crédito aos bilhetes recebidos pela médium D. Marta, posicionando-nos no procedimento a seguir quanto às suas últimas palavras à Torre de Controle, que se encontram em gravação, sugerindo o esquecimento.

Demonstra o alto nível de respeito ao desespero dos passageiros quando nos diz: Que nos poupem a repetição do choro e dos gritos de dor das nossas irmãs, que se nos faziam companheiras de viagem!

Consolidou ainda mais a crença da família para a outra Vida e a ajuda dos Grupos Socorristas Espirituais para os acidentados.

Ensinou-me que com a perda de quem amamos, pela experiência

adquirida com nossa dor, seja mantida a calma interior. Sabemos ser difícil, mas é a base do equilíbrio tanto para quem parte como para quem fica. O recomeço será mais tranquilo. As vibrações mais serenas são as do amor, na sustentação da saudade que se inicia, sem desespero.

Chico Xavier é esta calma que eleva a criatura humana. É o plano, é a missão, é a oportunidade e o alento da saudade que Deus nos dá por sua misericórdia."

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem espiritual.

- Pais: Luiz Gonzaga Chapela, Piedade Alves da Silva Chapela
Rua Nova Orleans, 259 - Brooklin São Paulo - SP.
- Irmãs: Ana Maria Chapela, Sandra Maria Chapela.
- Irmão Noel: Noel Rosa, compositor falecido.
- Nossa Marta: Marta Gallego Thomaz, médium de psicografia do Grupo Espírita Noel Rosa.



Mensagem de José Luiz da Silva Chapela

Querida Mãezinha Piedade, estou realmente sensibilizado, à frente de suas lembranças, solicitando confirmação do que lhe tenho afirmado no grupo orientado por nosso irmão Noel e pela bondade de nossa Marta, irmã e missionária do bem, com Jesus.

Efetivamente, temos amigos que me estranham nas mensagens ligeiras que venho transmitindo, mas, não será justo repetir depois da desencarnação inevitável as nossas vozes de receio e de angústia diante do inevitável.

Essas vozes, clamando por socorro, estão registradas, podem ser ouvidas, foram arquivadas e estudadas e admito que bastará isso para que os nossos amigos e familiares do mundo venham a saber quanto nos custou em sofrimento a queda do avião, que não mais conseguia se manter nas estradas aéreas.

Que nos poupem a repetição do choro e dos gritos de dor das nossas irmãs que se nos faziam companheiras de viagem...

Todo esse coro de lágrimas e preces ainda soa dentro de mim...

Por mais que buscássemos suprimento à sustentação da máquina, semelhante suprimento de recursos era impossível nas condições em que nos achávamos e o choque brutal foi amenizado pela assistência do pessoal de serviço nas ambulâncias da Providência Divina que nos esperavam, sem que os homens, nossos irmãos, se dessem conta de semelhante auxílio.

Quando notei que mãos vigorosas me erguiam do chão, restituindo-me o pensamento a fim de compreender toda a extensão do acidente de que fôramos vítimas, entendi que o socorro espiritual é muito maior do que poderíamos imaginar enquanto na Terra. Fomos hospitalizados fraternalmente em recantos socorristas, sediados na Terra mesmo e, gradativamente, retornamos à própria personalidade, cada qual de nós com determinada soma de preocupações, conforme os laços e os muitos que deixamos na retaguarda. E essa base de apoio nos favorece e nos prepara, ante o futuro, auxiliando-nos a inflar coragem e paz nos entes queridos que ficaram no Plano Físico e vamos seguindo com as melhoras espirituais que a nossa compreensão nos possibilita.

Cada amigo e cada irmão se reconforta e se restaura à medida que aceita o acidente doloroso, revigorando-se na fé em Deus, cujas leis funcionam em toda parte.

Seja dentro de noites tempestuosas em que carros ameaçados pela tormenta ziguezagueiam na lama, diante do vento que os empurram para o desconhecido; seja nas embarcações, transviadas no mar encrespado de ondas perigosas e gigantescas, impelidas para os rochedos ocultos na amplidão das águas que a fúria dos tufões desgoverna ou seja nos ares, quando vemos a nossa nave voadora, em crise, prestes a se despenhar nos abismos do mundo, seja em qualquer parte, as leis de Deus estão presentes vigiando os elementos e controlando-os ou, muitas vezes, deixando-lhes inteira liberdade para os acontecimentos considerados infelizes, operando unicamente segundo o critério de nossos méritos ou de nossas dívidas.

Naquelas horas difíceis que felizmente já ficaram para trás,

imperaram os nossos débitos e caímos, não sem o amparo das mesmas Leis Divinas que pertencem aos domínios da Justiça e se exercem nas faixas da Misericórdia. Existem imensidades e mais imensidades no amor infinito de Deus para que não sejamos arrojados ao túmulo e à morte, sem amparo e defesa.

Graças a Deus, vencemos parecendo vencidos e embora déssemos a idéia de criaturas derrotadas, as mãos daqueles benditos Seareiros do Senhor nos levantavam em triunfo.

Por isso, querida mãezinha Piedade, se sofremos, a nossa provação terminou, e após o rescaldo escabroso do acontecimento, já nos preparamos todos a fim de ser úteis aos nossos entes amados que ficaram no mundo.

Desejo que o seu coração, o do papai Luiz, e das irmãs queridas Ana e Sandra saibam disso e, com o reconforto das preces que nos endereçaram, aqui me comunico para agradecer, agradecer aos familiares e a todos os amigos que nos lembraram comovidamente. Comovidamente, também, retribuímos os votos de paz que nos enviaram pedindo a Jesus que os recompense.

Não me sendo possível ser mais extenso e agradecendo aos integrantes dessa nossa bendita reunião pela possibilidade de algo lhe dizer, aqui me despeço do ponto de vista das letras, para estarmos sempre juntos, tanto quanto possível, nos caminhos de nossa vida diária.

Receba, assim, querida mamãe Piedade, todo o carinho e toda a gratidão de seu filho, sempre mais seu nas luzes da Vida Espiritual.

Sempre o seu

José Luiz

XII

Família Secchieri

Bonito gesto, respeitável sentimento desse moço Ricardo.

"Não posso ser poltrão quando os nossos esperam de mim compreensão e coragem

Compreensão sentida na grandeza de alma desse rapaz, que libera o coração de sua noiva, mesmo mantendo os mesmos laços de afeição e que compreende a atual situação, tanto sua como a de Sueli. Enaltece-lhe os nobres ideais e agradece a ajuda.

Ricardo foi um moço com tendências caseiras. Atento com a saúde, não fumava e não bebia. Pouco saía.

Preferia gastar o tempo para ampliar seus conhecimentos, enriquecendo sua cultura. Fez o primário no Colégio São Francisco para, em seguida, no período ginásial e científico, cursar o Colégio Anglo-Latino e formar-se pela Faculdade de Engenharia FEI, em São Bernardo do Campo e Ciências Contábeis pelas Faculdades Associadas do Ipiranga - FAI.

Ricardo, contrariando a ideologia religiosa familiar, que abraçava a crença Católica Apostólica Romana, freqüentava o Centro de Umbanda Pai Jamil com o qual se identificava plenamente.

Aplicava ali os preceitos da caridade cristã na ajuda ao refazimento dos necessitados da orientação espiritual.

Mesmo com a aplicação dos recursos que a doação Divina nos dispensa para a garantia da sobrevivência, não se pode esquecer que existe um tempo determinado de vida destinado a cada um de nós, que precisa ser bem aproveitado porque a surpresa faz a sua parte nos domínios classificados de resgates compulsórios, direcionando cada espírito aos caminhos de sua responsabilidade.

Para Ricardo esse encontro marcado estava registrado em Fortaleza, quando seu irmão mais novo, em férias, convida-o a acompanhá-lo em

excursão àquela capital, com mais alguns companheiros. Aceito o convite, hospedaram-se em apartamento alugado e passaram a curtir as maravilhas da natureza.

Por necessidade, o seu irmão regressou a São Paulo com promessa de retornar tão logo resolvesse os assuntos que o levaram de volta.

Ricardo ficou com os amigos. Passaram o dia na praia e à noite resolveram passear. Alugaram um veículo. Antes, porém, resolveram jantar, em churrascaria próxima. Ricardo, apesar de gostar muito de dirigir, nesse momento achou melhor que o amigo tomasse o volante.

Alguns metros à frente, foram obrigados a parar no semáforo e, em alta velocidade, aparece outro veículo em conversão proibida, apanhando o carro dos rapazes. O companheiro do volante, com escoriações várias, ficou três dias internado para observações, os outros saíram ilesos e Ricardo fraturou o fêmur, perfurou os intestinos e, com hemorragia interna, veio a falecer.

Estampada a dor em suas vidas, os pais procuraram, em seguida ao acontecimento, o querido médium Chico Xavier, recebendo a informação de que Ricardo tinha aceitado com resignação a sua passagem para a Vida Espiritual, mas, que sofria com a separação da família.

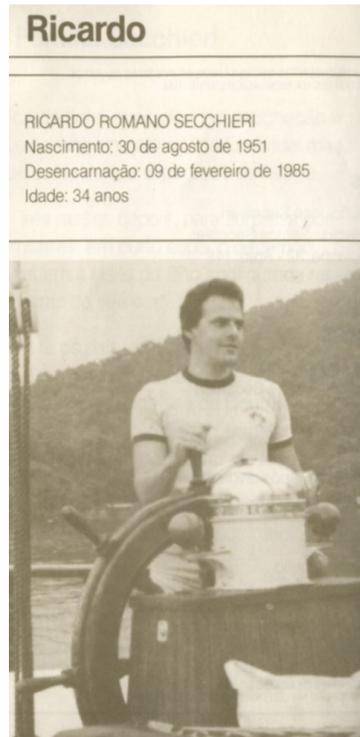
Três meses depois, para surpresa dos familiares, em curto espaço de tempo, recebem a visita do filho configurada nas palavras de sua carta.

Para os pais, após diversos contatos, passaram a admirar Chico Xavier, como um ser ímpar na defesa da Doutrina Espírita pela sua pregação, trabalho e mediunidade em prol da humanidade.

É como um pai que tem a mão suave para acariciar os filhos do sofrimento.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na
mensagem espiritual.

- Pais: Ricardo José Secchieri, Aparecida Santos Secchieri
Rua Jaspe, 32 - Apto. 142 - São Paulo - SP.
- Irmãos: Ivete Adelina Secchieri, Sidnei Alexandre Secchieri.
- Noiva: Sueli Maria, após divorciado.
- Amigo: Rubens Benello.



Mensagem de Ricardo

Querida mãezinha Aparecida, receba com meu pai e com meus irmãos, as minhas vibrações de reconhecimento a Jesus pela oportunidade de trazer-lhes algumas notícias.

Vou sempre melhor, com mais serenidade, a fim de ajuizar sobre a minha própria situação, mas confesso-lhes que, se eu pudesse, apagaria da memória o acidente que me apanhou longe de casa. Dói muito reviver aquele choque com os meus companheiros disputando o campeonato dos gemidos. O amigo Rubens está em minha imaginação como que pregado em meus pensamentos. Não sei contar detalhes. As vítimas de acidente são as que mais ignoram o doloroso acontecimento de que foram protagonistas.

A queda no desmaio de que me reconheci possuído foi inevitável. Aquilo não pode ser sono, deve ser um estado enfermiço, qual acontece com o espírito na vida fetal. Sei unicamente que acordei num dia ensolarado com a presença de uma senhora que se me deu a

conhecer por bisavó, a quem fiquei devendo cuidados que nunca resgatarei.

O problema, querida mãezinha Aparecida e querido papai Ricardo, é o drama das saudades que ficam no coração. É possível, pelo menos que isso aconteça somente comigo: contemplar maravilhas da vida cósmica, no entanto, de alma acorrentada por fios invisíveis aos seres queridos que deixamos na retaguarda. Os pais amados, a (vete Adelina, o Sidnei Alexandre e a querida Sueli Maria estão por dentro de mim de modo amargo, porque, por mais que deseje, não consigo vê-los nem contatar com nenhum dos entes que me povoam a mente.

Entretanto, os dias passam e a gente e vira, mas se vira com lágrimas contidas, porque não posso ser poltrão quando os nossos esperam de mim compreensão e coragem.

Mãezinha, diga à Sueli que os meus sentimentos de noivo são os mesmos.

Os meus pensamentos é que tomaram outro caminho. Não posso retê-la com promessas e votos que seriam para ela inexecutáveis. Sueli Maria é uma notável menina e me entenderá com os nobres ideais de que sempre me proporcionou elevados testemunhos.

Agradeço a ela quanto faz em meu auxílio, com preces e pensamentos de carinho, tanto quanto agradeço aos pais queridos e aos queridos irmãos, tudo o que me enviam a título de benefício para o meu espírito em novo campo de ação.

Das contusões e complicações que me ficaram por remanescentes do desastre, estou quase liberto e considero isso uma Bênção de Deus.

Estimaria ocupar muitas laudas de papel a fim de falar-lhes de minhas experiências novas, mas sei que não posso por agora absorver-lhes as atenções.

Muitas lembranças à Sueli Maria e aos irmãos queridos. Admito que terei trazido as notícias possíveis. E quem faz o que pode a mais não é obrigado.

Agradeço-lhes o auxílio que tenho recebido espiritualmente de todos

e peço aos queridos pais receberem o carinho imenso e a imensa confiança do filho que lhes deve tanto.

Ricardo Romano Secchieri

XIII

Família Minaya

O sonho de pilotar aviões para Marco Antonio acabou aos 15 anos de idade.

Tudo fazia para alimentar esse sonho.

De porte atlético, com seus 1,72 metros de altura, Marco Antonio se destacava nas competições esportivas de sua escola.

Sempre requisitado pelo professor de Educação Física do seu Colégio Maria Petronila, em Santo Amaro para disputas com outras agremiações escolares, era um jovem feliz, bem quisto entre seus amigos e familiares.

No final de junho, começou a perceber certo cansaço e leves dores em suas costas.

Encaminhado ao médico clínico da família, diagnosticou possível estado gripal. Passaram-se alguns dias e outra preocupação surgiu para Marco Antonio: as suas gengivas começaram a apresentar uma inflamação muito forte, a ponto de cobrirem seus dentes.

O odontólogo da família aplicou-lhe tratamento durante dias, sem nada conseguir. Procurou-se, então, um especialista que também nada conseguiu no momento, obtendo alguma melhora dias depois.

Em julho, aproveitando as férias escolares, seus irmãos, Cláudio, Consuelo e Rosemaire saíram em excursão para Assuncion, no Paraguai. Marco Antonio, feliz, dizia aguardar os seus 18 anos para poder acompanhá-los. Dona Wilma seguiu até o local de embarque acompanhando seus filhos.

Na sua volta, Marco lhe diz que urinara vermelho. Aflita com essa informação, percebeu ali certa gravidade, telefonando ao marido e ao Dr. Juan Cuevas Sans. O médico chegou e imediatamente solicitou a remoção para o Hospital Santa Paula, para os exames devidos que acusaram baixa resistência orgânica.

Sr. Santiago não se conformando, solicita a presença do seu amigo especialista e professor em Faculdade de Medicina, Dr. Antranik que, acompanhado de sua equipe médica, transporta Marco Antonio para o Hospital das Clínicas.

Ficou em tratamento e, no dia 12 de julho, com forte hemorragia veio a desencarnar com leucemia aguda.

A família, católica, fez celebrar as missas de 7º e 30º dias e, surpresos, os pais constataram nesta a presença de todos os alunos do Colégio que foram liberados pela Sra. Diretora, pois na missa anterior estavam em férias.

Os caminhos da paz pareciam não existir mais para o casal, o mundo como que desabara sobre o seu teto. D. Wilma, freqüentadora de grupo espírita, tentava amenizar a dor.

A saudade, esta força incontida, propulsora do desejo, impele-a a procurar o consolo. Por informações, achava ser difícil chegar-se a Chico Xavier.

Conformada, procurou a misericórdia de Deus através do trabalho ao próximo. Após um ano começou a freqüentar com alegria o LAR-OFICINA, aguardando pacientemente o contato com o seu filho. Não desanimou e durante três anos e meio, várias vezes foi a Uberaba e voltava sem revolta. O prazer de ver Chico a satisfazia.

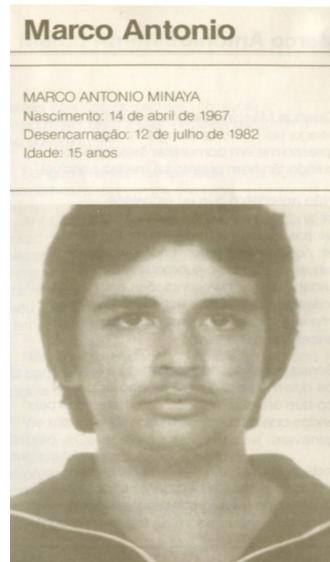
As palavras de Marco Antonio chegaram como lenitivo para a saudade, no dia 23 de abril de 1986. É a sua presença. É o reconforto que substitui as lágrimas da tristeza. Marco vive!

Atualmente, a felicidade de Dona Wilma é ver seus filhos e marido juntos na fé Espírita Cristã, consolidando cada vez mais a fé em Deus.

Para o casal Wilma e Santiago, Chico Xavier é pessoa para convívio diário e lamentam a falta de programas como os da TV Record, quando ele apresentava-se e supria-os na fé, reforçando-lhes o coração para a caridade, no contato com o semelhante.

Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação na leitura da mensagem espiritual.

- Pais: Santiago Minaya Hernan, Wilma Aparecida Minaya
Rua Cabo York, 82 - São Paulo - SP.
- Irmãos: Cláudio Minaya, Consuelo Minaya, Rosimeire Minaya.



Mensagem de Marco Antonio

Querida Mãezinha Wilma e querido papai Santiago, sei que desejam as minhas notícias e apresso-me em comunicar-lhes, que vou seguindo tão bem quanto se me faz possível.

Não acreditem que eu estivesse desejando a minha volta para cá porque adivinhava à minha frente, muito trabalho a fazer, no entanto, compreendo pelo severo tratamento a que me submetiam que a gravidade de minhas condições era manifesta. A princípio a esperança que nos animava a todos, entretanto, em seguida as chances foram rareando.

Sentia-me aflito, desencantado e lia nos olhos dos médicos o meu próprio estado físico que era confirmado nos olhares dos pais queridos que o brilho triste não me enganavam.

Indagava quanto à moléstia de que me sentia assediado, mas somente encontrava respostas que eu não conseguia decifrar.

Notando o meu quadro de tratamento com tantas injeções de permeio, comecei a desconfiar sobre a problemática de que me via possuído.

Sangue doente, necessidade de glóbulos vermelhos, suprimentos

diversos.

Ah! Querida mãezinha Wilma, eu seguia o curso de suas orações silenciosas, percebendo nelas a petição de socorro de Deus em benefício do filho que se via cada vez mais anemiado. E eu também rezava, a meu modo solicitando amparo, a fim de que, minhas energias se reconstituíssem.

Não é fácil ser obrigado a refletir na morte do corpo antes dos vinte anos e eu recusava a idéia de me render à evidência.

Via meus irmãos fortes e robustos, o Cláudio, a Consuelo e a Rosemeire e invejava-lhes a sorte, conquanto me esforçasse para nada dizer que lhes pudesse tisonar a alegria de viver e movimentar-se a vontade, sem qualquer impedimento que lhes travasse os desejos.

De meu lado, enquanto, queria pensar na vida e na felicidade de encontrar alguém que me partilhasse a juventude, chorando por dentro de mim a minha própria situação, já que não me reconhecia com forças suficientes para reerguer-me como quisesse. Mas Graças a Deus e às orações da mãezinha Wilma a minha tristeza não chegou ao nível da revolta.

Quanto mais intensificaram as instruções dos médicos amigos com picadas dolorosas de injeções-daquelas injeções de que eu necessitava, entendi que eu precisava de uma virada na intimidade de mim mesmo, a virada da aceitação difícil e indispensável.

Compreendi, por fim, que eu não nascera num corpo capaz de terçar armas contra a doença quase fulminativa que avançava. Então, mãezinha Wilma, entreguei-me a Deus, chorando, embora, mas ocultando-lhe as minhas lágrimas que não tinham razão de ser.

Não me competia combater com os desígnios de Deus que me impunham a libertação da vida física e por isso, o meu desagrado era absolutamente impróprio e inoportuno. A febre, a aflição, aquela impaciência contida, o medo do desconhecido me dominavam quando ouvi a voz da criatura maravilhosa que se me dá a conhecer por minha bisavó, a convidar-me ao descanso...

Notei que as suas lágrimas de mãe me alcançavam sem que eu pudesse confortá-la, que os nossos me fitavam com expressões de angústia e escutando a voz que me buscava a atenção, perguntava a mim próprio a que espécie de descanso poderia ser conduzido se eu unicamente desejava viver, estudar, trabalhar, namorar a maneira de um rapaz qualquer...

A voz, porém, insistia comigo referindo-se ao repouso e por fim, incapacitado para a resistência, aceitei a sugestão e supus dormir tranqüilamente; mas aquele sono não era a calma do corpo dolorido e sim uma outra serenidade que eu desconhecia.

Um torpor inarredável me tomou a forma habitual e sonhei que uns braços repletos de amor me protegiam para a retirada...

Quanto tempo estive nessa hibernação para mim indefinível não sei dizer, no entanto, voltei a mim e encontrei ao meu lado a senhora cuja presença vislumbrara no leito e de quem só registrara a voz inesquecível.

Gradativamente fui conscientizado de que deixara o corpo doente e tomara posse do meu veículo de manifestação, esse mesmo que na Terra, nos sustenta o instrumento físico sem que venhamos a perceber.

Chorei muito na excitação que me possuía e destacava a falta de nossa casa e da família querida que era a minha, mas, aos poucos, os benfeitores da Vida Maior me convenceram quanto à realidade e agora, mãezinha Wilma, com o papai Santiago e os nossos saibam que vou melhorando através da compreensão que me induz a conformar-me com a minha própria situação.

Felizmente estou a renovar-me e agradeço-lhes os pensamentos de amor com que me fortificam.

Querida mãezinha Wilma, são estas notícias que me propunha a trazer-lhes e peço-lhes não me esquecerem com as vibrações de paz e reconforto de que ainda necessito para consolidar as melhoras conquistadas.

Não se preocupem se lhes digo que sofri, mas não me seria possível

mentir, quando a verdade é que a travessia de uma vida para outra não é a mesma para todos.

Um abraço ao meu irmão e às irmãs Consuelo e Rosemeire e os pais queridos recebam todo o amor com as muitas saudades do filho que lhes pertence pelo coração, em nome de Deus.

Marco Antonio Minaya

Fim